

**CARLOS ALBERTO JOSÉ DA SILVA FILHO**

**O AUDIOVISUAL COMO FATOR DE  
DESENVOLVIMENTO LOCAL NA COMUNIDADE  
INDÍGENA TERENA DA ALDEIA BURITI  
EM DOIS IRMÃOS DO BURITI/MS**

**UNIVERSIDADE CATÓLICA DOM BOSCO  
CENTRO DE PESQUISA, PÓS-GRADUAÇÃO E EXTENSÃO  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM DESENVOLVIMENTO LOCAL  
MESTRADO ACADÊMICO  
CAMPO GRANDE – MS  
2008**

**CARLOS ALBERTO JOSÉ DA SILVA FILHO**

**O AUDIOVISUAL COMO FATOR DE  
DESENVOLVIMENTO LOCAL NA COMUNIDADE  
INDÍGENA TERENA DA ALDEIA BURITI  
EM DOIS IRMÃOS DO BURITI/MS**

Dissertação apresentada como exigência parcial para obtenção do título de Mestre em Desenvolvimento Local – Mestrado Acadêmico – à Banca Examinadora sob a orientação do professor doutor Antônio Jacó Brand e co-orientação da professora doutora Mônica Thereza Soares Pechincha.

**CAMPO GRANDE – MS  
2008**

## FOLHA DE APROVAÇÃO

Este documento corresponde à versão final da tese intitulada O AUDIOVISUAL COMO FATOR DE DESENVOLVIMENTO LOCAL NA COMUNIDADE INDÍGENA TERENA DA ALDEIA BURITI, EM DOIS IRMÃOS DO BURITI/MS e apresentada por CARLOS ALBERTO JOSÉ DA SILVA FILHO, à Banca Examinadora do Programa de Pós-graduação em Desenvolvimento Local - Mestrado Acadêmico – da Universidade Católica Dom Bosco, tendo sido considerado aprovado.

Campo Grande-MS,.....de.....2008

1. \_\_\_\_\_

Nome e assinatura do presidente da Banca Examinadora

2. \_\_\_\_\_

Nome e assinatura de integrante da Banca Examinadora

3. \_\_\_\_\_

Nome e assinatura de integrante da Banca Examinadora

SILVA FILHO, Carlos Alberto José. O audiovisual como fator de desenvolvimento local na comunidade indígena terena da aldeia Buriti, em Dois Irmãos do Buriti/MS. Curso de Pós-graduação em Desenvolvimento Local - Mestrado Acadêmico – da Universidade Católica Dom Bosco.

## RESUMO

O presente trabalho busca analisar o poder da produção audiovisual como fator de desenvolvimento local na comunidade indígena Terena da aldeia Buriti, localizada na região de Dois Irmãos do Buriti - Mato Grosso do Sul. As histórias contadas pelos indígenas tiveram como ferramenta de registro o vídeo. A concepção de possíveis temas, a execução do trabalho imagético e a manipulação do material gravado foram etapas desenvolvidas pelos indígenas e para os indígenas. Como a interferência externa ficou restrita ao curso de formação em vídeo, o universo da pesquisa exploratória tem como base a documentação das várias fases do processo. A partir da análise, propõe-se um novo olhar sobre a filmografia etnográfica clássica.

**Palavras-chave:** Desenvolvimento Local, etnografia, sustentabilidade, antropologia visual e organização social.

# SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	<b>6</b>
<b>1 OS TERENA: Breve história</b> .....	<b>21</b>
1.1 Guerra contra o Paraguai como marco divisor dos tempos.....	21
1.2 A formação da Terra Indígena Buriti.....	25
1.3 As festas religiosas Terena.....	26
1.4 A organização social Terena.....	33
<b>2 ANTROPOLOGIA VISUAL</b> .....	<b>35</b>
2.1 Referencial histórico.....	35
2.2 Audiovisual na comunicação intercultural.....	36
2.3 Relação com as populações tradicionais.....	38
2.4 Estudos da imagem.....	39
2.5 Experiências de uso.....	41
2.6 Projeto <i>Vídeo nas Aldeias</i> .....	42
<b>3 PRODUÇÃO DO VÍDEO</b> .....	<b>48</b>
3.1 Processo de concepção do vídeo.....	48
3.2 A negociação da pesquisa com a comunidade Terena.....	49
3.3 Registro da fase de pré-produção.....	52
3.4 Registro da fase de produção.....	53
3.5 Pré-edição e decupagem.....	54
3.6 Registro da fase de edição e pós-produção.....	56
<b>4 FESTA DE SÃO JOÃO – ANÁLISE DO VÍDEO</b> .....	<b>59</b>
4.1 Análise do conteúdo do vídeo.....	59
4.2 Enredo do vídeo.....	62
4.3 Recepção do vídeo na aldeia Buriti.....	65
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	<b>72</b>
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS</b> .....	<b>76</b>
<b>ANEXOS</b> .....	<b>79</b>

## INTRODUÇÃO

O presente trabalho teve como base a pesquisa sobre o uso dos meios eletrônicos de registro de imagens e sons por parte da comunidade indígena Terena da aldeia Buriti, situada na Terra indígena Buriti, que fica localizada no município de Dois Irmãos do Buriti<sup>1</sup>, em Mato Grosso do Sul. A análise apresentou como premissa o audiovisual enquanto instrumento (ferramenta) de manipulação de idéias, conceitos, ações e como esse aparato midiático poderia ser utilizado pelos Terena no contexto do Desenvolvimento Local. A proposta do projeto foi investigar as possibilidades de uma comunidade local – por meio da capacitação de um grupo de acadêmicos indígenas para uso dos meios eletrônicos de comunicação de massa (no caso do estudo proposto, a câmera de vídeo) – incorporar as técnicas e conhecimentos advindos da manipulação do aparelho eletrônico em ações endógenas de desenvolvimento. A partir de filmagens de celebrações, festas e atos religiosos realizados na aldeia Buriti, o pesquisador passou a descrever e avaliar o resultado do processo.

Cabe ressaltar que o trabalho aqui apresentado representa um esforço interdisciplinar, onde um pesquisador com formação profissional e acadêmica na área da Comunicação Social - Jornalismo realiza uma pesquisa no campo de conhecimento do Desenvolvimento Local, entre um povo indígena, com necessidade, portanto, de suporte antropológico. Desta forma, não há a pretensão de apresentar um estudo propriamente antropológico acerca do tema proposto. Ademais, o tempo de contato deste pesquisador com a aldeia e sua comunidade foi muito curto, como se descreverá

---

<sup>1</sup> É imprescindível deixar registrada a participação, o empenho, a colaboração, o incentivo e o envolvimento sem restrições dos Terena da Aldeia Buriti, em Dois Irmãos do Buriti – Mato Grosso do Sul. Foram de fundamental importância para a concretização do projeto a confiança e o respeito das lideranças indígenas através do cacique da Aldeia Buriti, Rodrigues Alcântara e de seu representante, Arcelino Batista; houve ainda contribuições essenciais do dono da Festa de São João de 2007, João Rodrigues e do dono da Festa de São Sebastião, Juscelino Bernardo; registro também a hospitalidade incomparável do Terena Valdemilson Alves Alcântara “Cartola” e de sua esposa; outros apoios fundamentais que merecem registro e reconhecimento foram os de Marina Rodrigues, Sebastiana Alcântara, Venceslau Alves, Edivaldo Rodrigues, Edmalso Rodrigues, Isaac Pereira, Sebastião Alcântara Figueiredo, Adão Fernandes, Alvino Fermينو, Cecília Rodrigues; esforço, interesse e comprometimento exclusivo do grupo de acadêmicos indígenas responsável pela produção do vídeo sobre a Festa de São João: Edineide Bernardo Farias, Éder Alcântara Oliveira, Genildo Alcântara e especialmente Jonivaldo Alcântara Pinto por sua determinação e estímulo para que a pesquisa fosse realizada de maneira integral, ou seja, contemplando todos os aspectos propostos na etapa de planejamento do estudo ora apresentado.

mais à frente, o que impossibilita a descrição *densa*<sup>2</sup> do processo em foco, principalmente sobre o sentido e conexões socioculturais das festas religiosas que foram escolhidas pelos Terena de Buriti como tema para a produção autônoma de um vídeo que lhes representasse frente aos “patrícios”, como eles se referem aos Terêna e demais povos indígenas, bem como frente aos não índios. Foi necessário, todavia, todo um esforço de relativização para este breve encontro com os Terena, na expectativa de que o trabalho ora apresentado, e a idéia de desenvolvimento local que lhe é subjacente, não fosse contaminado por projeções de categorias ocidentais sobre o universo de sentido indígena, assim como de juízos etnocêntricos. Muito embora a formação do pesquisador e o contato curto com os Terena não preencham a exigência de uma pesquisa antropológica, foi grande o aprendizado neste esforço de pesquisa no que tange ao contato e ao estudo do Outro e, conseqüentemente, a problematização do que seja o seu “desenvolvimento local”, o que, espera-se, demonstra-se aqui pela via da postura e das escolhas indígenas no uso da ferramenta midiática em favor próprio.

A análise ora apresentada se deu com base na observação direta nos momentos de campo, por meio de entrevistas, e da observação da manipulação de imagens e sons pelos estudantes indígenas.

A idéia para a construção do trabalho apresentado nesta dissertação surgiu da constatação de que é cada vez mais presente o uso de tecnologia ocidental pelos indígenas. As transformações enfrentadas na relação entre esses povos e a sociedade nacional começaram a surgir de forma um tanto quanto diferenciada. A crescente relação dos indígenas com os grandes centros urbanos e as ações de reconhecimento e valorização dos universos culturais indígenas evidenciam a existência de um movimento em curso:

[...] é indiscutível a crescente presença dos povos indígenas na polis nacional e internacional. Literal e metaforicamente os indígenas estão ocupando a cidade, tanto por causa das maciças migrações rural-urbanas, como por sua imagem nos espaços públicos. Há sem dúvida um processo de maior cidadanização no qual, pela primeira vez, se apresenta o respeito à diferença e o reconhecimento da especificidade cultural dos povos indígenas, assim como da composição pluricultural das sociedades nacionais. As instituições do Estado e da sociedade

---

<sup>2</sup> Cf. Clifford Geertz, 1978.

civil respondem a este desafio, com rodeios, mas respondem no final. Vai-se construindo um modelo de educação bilíngüe e intercultural em vários Estados, com resultados e êxitos diversos (STAVENHAGEM, 2003, p. 43).

O enfoque da análise se baseou na transferência das técnicas de áudio e vídeo a partir da capacitação de quatro acadêmicos Terena matriculados no curso de História da Universidade Católica Dom Bosco (UCDB), e no aproveitamento do uso desse aparato midiático no processo de auto-representação dos Terena. A expectativa é que, ao tomar conhecimento da estrutura de montagem e das técnicas que envolvem o processo de criação audiovisual - a comunidade passaria a assumir um novo papel, adquirindo técnicas que pudessem refletir uma posição de maior autonomia, no que diz respeito ao uso de sua imagem pelos não índios e da versão não indígena dos fatos que lhes dizem respeito. Esse fator também resultaria no fortalecimento dos Terena como povo, já que passariam a ficar mais atentos e confiantes na apresentação de sua imagem e, conseqüentemente, na condução de seu próprio destino. O processo de familiarização com os meios eletrônicos joga seu papel na auto-afirmação terena. A busca pela aquisição de técnicas e usos dos recursos midiáticos permite que os indígenas passem de uma posição de sujeito da idéia que o “outro”, o não indígena, faz dos Terena, para senhores da representação de sua própria lógica de mundo. Neste contexto, trata-se de um passo importante na busca da apropriação e da manipulação de informações que no futuro poderão ser divulgadas sob o olhar indígena.

A importância da apropriação destas técnicas e de seu uso pelos próprios indígenas foi destacada já no primeiro contato feito com os acadêmicos na gestação do projeto da pesquisa, cujos resultados aqui se apresentam. Na ocasião, ao explanar a respeito das minúcias da pesquisa, o autor questionou os acadêmicos indígenas sobre se a imagem retratada pela mídia era um reflexo fiel da realidade na aldeia. A acadêmica Edineide Bernardo Farias, componente do grupo no projeto, foi enfática ao refutar tal indagação. Ela lembrou que as imagens e notícias veiculadas pelos meios de comunicação eletrônicos – na maioria dos casos - revelam uma imagem e uma rotina que está muito aquém do que são os Terena e do que realmente ocorre no dia-a-dia das aldeias. Edineide comentou que iniciativas como a pesquisa ora apresentada poderiam representar uma mudança significativa para os indígenas, que poderiam mostrar o seu mundo e suas idéias a partir do seu ponto de vista, mas que muitas vezes fica distorcido



ou não é apresentado à sociedade envolvente por falta de interesse dos veículos de comunicação de massa; fator justificado por necessidades comerciais da mídia eletrônica, que apela sempre por pautas que despertam a atenção de seu público.

O projeto de capacitar indígenas na prática do audiovisual caracterizou-se, no contexto Terena, como de cunho inovador sob mais dois aspectos: primeiro, por utilizar aparatos tecnológicos de registro visual e sonoro. Tal uso torna-se especialmente marcante na vanguarda dos processos de interação social, já que estamos diante de um mundo dominado pelo uso de tecnologias de áudio e vídeo cada vez mais sofisticadas. O segundo aspecto relaciona-se ao próprio conteúdo das mensagens indígenas, com elementos intangíveis traduzidos em imagens e sons da aldeia. A força da religiosidade, a organização social, o respeito na manipulação dos recursos naturais e a capacidade endógena na busca por soluções como a manutenção dos territórios são apenas alguns exemplos possibilitados pela sistematização do olhar eletrônico dentro do universo Terena.

Outro objetivo do estudo está ligado à observação do uso da ferramenta midiática como elemento de comunicação intercultural entre indígenas e com os não indígenas. Ao reconhecer a importância dos registros visuais e sonoros na busca da reafirmação da identidade e de seus direitos como povo e na construção própria da sua imagem, os Terena poderão estabelecer novos usos e significações diante do processo de construção e divulgação do vídeo. A comunicação intercultural poderá ser aplicada tanto no ambiente interno, ou seja, nas aldeias que compõem a Terra Indígena Buriti, como também nas relações externas com outras terras e áreas indígenas. Esse processo comunicativo de interculturalidade poderá ainda ser estabelecido com os não indígenas, que sempre fizeram o caminho inverso, ou seja, utilizaram o poder da mídia para contar a história e uma visão dos indígenas na ótica da sociedade dominadora.

A idéia de trabalhar com acadêmicos indígenas se justificou sob os seguintes aspectos: a presença desses indígenas na universidade facilitou as negociações e a logística de levantamento de dados, uma vez que a presença do grupo de acadêmicos indígenas era constante no campus da UCDB, mesmo com a maioria deles vivendo na aldeia Buriti, em Dois Irmãos do Buriti. Assim, o ponto fundamental para a escolha do trabalho com um grupo de acadêmicos foi a facilidade do contato com esses alunos e a experiência que os mesmos já adquiriram na universidade, o que facultaria, portanto, maior rapidez ao processo de capacitação e execução do projeto de produção do vídeo.

Estes estudantes eram alunos de graduação do curso de História da Universidade Católica Dom Bosco (UCDB) e integrantes o Programa Rede de Saberes<sup>3</sup> da mesma instituição de ensino superior. O grupo foi composto por Edineide Bernardo Farias, acadêmica do curso de letras da UCDB, filha de pai da etnia Kadwéu e mãe Terena, residentes na aldeia Buriti, em Dois Irmãos do Buriti. O outro integrante da equipe é Eder Alcântara Oliveira, também da aldeia Buriti. Ele nasceu em 24 de junho de 1982 e terminou o curso de História na Universidade Católica Dom Bosco (UCDB) em 2007. A equipe contou ainda com Genildo Alcântara, Terena da mesma aldeia e que nasceu em 1986. Ele se formou em Letras na UCDB em 2007. O outro membro que completa o grupo é Jonivaldo Alcântara Pinto, da aldeia Buriti. Ele nasceu em 26 de abril de 1979 e cursou História na UCDB; ficou sabendo do curso por meio do primo Eder Alcântara de Oliveira – que lhe informou existir um convênio entre a universidade e a Fundação Nacional do Índio (FUNAI) para facilitar o ingresso de indígenas no ensino superior. Para a equipe de acadêmicos indígenas, o próprio ingresso em um curso superior apresenta um significado especial; faz parte da agenda política de conquista de maior autonomia e protagonismo por parte desses povos. Além disso, é também uma oportunidade valiosa para contribuir, por meio dos conhecimentos adquiridos, com as suas comunidades de origem, desempenhando um papel de multiplicadores de informações. O intercâmbio pode ter dupla função: serve tanto para que eles aprendam como para que ensinem métodos, práticas e experiências que favoreçam a convivência com a alteridade.

De modo geral, na área da Comunicação Social, o conhecimento e a apropriação do artefato tecnológico de sons e imagens envolvem várias etapas. A primeira delas é considerada teórica, pois se direciona ao universo conceitual da produção das imagens. É a fase em que os realizadores imaginam os possíveis cenários e as idéias que servirão de base para compor a linha narrativa da história a ser contada.

De posse da bagagem de conhecimentos e estratégias necessários para compor um enredo, a pesquisa atingiu o momento do fazer imagético. A coleta de representações em vídeo – nessa etapa - teve como ponto de partida uma série de planos e enquadramentos. Tais movimentos de câmera, em geral, são fundamentados na análise criteriosa dos planos individuais. São posições, lógicas e ações voltadas para a

---

<sup>3</sup> Projeto financiado pela Fundação Ford e instituído em 2005, via parceria da Universidade Católica Dom Bosco (UCDB) e a Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (UEMS), com o objetivo de estimular a permanência de acadêmicos indígenas no ensino superior.

composição visual, fundamentadas em idéias e concepções que nasceram junto com as teorias clássicas do cinema e da televisão.

Todavia, é essencial esclarecer que o arsenal teórico e prático relacionado ao audiovisual teve por objetivo servir apenas como um alicerce dentro do processo de alfabetização dos acadêmicos terena na produção de imagens e sons. Foi de fundamental importância que o período de treinamento e capacitação com esses indivíduos significasse apenas o embrião de um movimento maior que, findada essa etapa, se traduzisse no desenvolvimento de novas idéias, práticas e fazeres a partir do olhar indígena.

Mas antes de especificar em detalhes as etapas que envolveram a produção audiovisual na aldeia Buriti, faz-se necessário apresentar as bases teórico-estruturais para o tipo de *desenvolvimento* que foi proposto aos acadêmicos indígenas no decorrer da execução do projeto. Há uma noção difusa do termo e que, ao longo dos anos, foi adotada para dar sentido à palavra, conforme observação a seguir:

Durante muito tempo, o sentido do termo *desenvolvimento* foi dado pelo grau de *industrialização* alcançado por uma sociedade. Sinônimo de industrialização e avanço tecnológico, conotou e definiu o processo de transformação do ambiente natural com a finalidade de gerar riquezas materiais (produtos), ao mesmo tempo que as impôs à sociedade como “necessidades”. [...] A crítica a essa redução da noção de desenvolvimento à de industrialismo, feita sobretudo por sociólogos e economistas nas décadas de 1970-90, conduziu à qualificação do termo. Apesar de visar a fenômenos sociais diversos, os conceitos de “desenvolvimento dependente” e “desenvolvimento sustentável” nasceram desse esforço. (AZANHA, 2002, p. 29).

A noção de sustentabilidade aplicada ao desenvolvimento, segundo Azanha (2005), está mais ligada – dentro do universo indígena – ao sentido de um equilíbrio cosmológico, já que para essas sociedades os elementos da natureza são considerados como sujeitos e não objetos. Daí decorre a grande diferença em relação à sociedade dominadora, cujo conceito dos recursos naturais esteve sistematicamente atrelado à idéia de mercadoria ou produto. Como tal, desperta a necessidade do consumido - pois passa a receber um valor de uso. Dentro dessa ótica, podemos estabelecer o conceito de sustentabilidade nas sociedades indígenas conforme indicação abaixo:

*Sustentar-se*, portanto, nas sociedades indígenas, significa manter o equilíbrio das trocas com o mundo natural (e sobrenatural) visando à segurança dos parentes mais próximos e repondo, no processo, os estoques de corpos humanos, das almas e dos seres (recursos) "naturais" (AZANHA, 2005, p. 15).

Já Gallois (2005) busca relacionar o conceito de sustentabilidade a iniciativas que efetivamente atendam aos anseios e demandas indígenas. Ela aponta que os modos de vida e de pensar desses povos - necessitam ser mantidos não ao custo da ajuda e supervisão do Estado nacional por intermédio de políticas públicas, mas sim de diretrizes próprias e que sejam pensadas, trabalhadas e geridas a partir de sua visão de mundo. Para isso, tais ações podem e devem receber contribuições de fora da aldeia; porém, a base para a sustentação de conhecimentos e experiências que se traduzam em qualidade de vida precisa ter caráter endógeno.

Na busca por ações que possam oferecer um campo mais propício a essas iniciativas sustentáveis e originadas de dentro de comunidades regionalizadas, encontramos na história momentos em que os conceitos de *Desenvolvimento Local* começam a ser difundidos com maior intensidade. Para Ávila (2003: p. 16), o termo passa a se tornar importante no mundo a partir da década de 1980, com o crescente protagonismo das sociedades locais nos processos de gerenciamento do desenvolvimento.

No Brasil, as discussões iniciais acerca do tema *Desenvolvimento Local* começaram a ficar em evidência especialmente depois da Conferência Mundial sobre Meio Ambiente ECO-RIO/92, realizada no Rio de Janeiro em 1992 (ÁVILA, 2003, p. 17). Naquela oportunidade, técnicos, especialistas, professores, autoridades, pesquisadores e representantes da sociedade civil organizada discutiram diretrizes e propostas para o futuro do planeta.

Depois desse período, houve um interesse crescente pela temática nas universidades brasileiras, em especial por intermédio de um curso oferecido na Universidade de São Paulo (USP) em 1996. Praticamente na mesma época, a Universidade Complutense de Madrid, na Espanha, firmou um convênio com a Universidade Católica Dom Bosco (UCDB), de Campo Grande (MS) para ampliar estudos na área do *Desenvolvimento Local*. A idéia deu certo e acabou se transformando em um programa de mestrado.

Em busca de um entendimento mais abrangente sobre *Desenvolvimento Local* e suas vertentes, Ávila (2003) procurou delinear o escopo teórico estrutural acerca do tema. Para o autor, existem alguns tipos de desenvolvimento que fazem certa referência a local, mas não necessariamente atendem as prerrogativas etimológicas e de aplicabilidade do conceito:

a) Desenvolvimento no Local (DnL) – ações de caráter desenvolvimentista e que tem o *local* apenas como sede física. O desenvolvimento só permanece na região enquanto estiver gerando dividendos e resultados positivos aos beneficiados. A partir do momento em que o quadro se reverte, ou seja, os lucros já não são mais a base do negócio, não há mais utilidade para o uso daquele local e os investimentos são retirados sem se preocupar – na maioria dos casos – com o que tais ações representam ou com quem esteja direta ou indiretamente delas dependente.

b) Desenvolvimento para o Local (DpL) – iniciativas que utilizam o local como sede física e que até produzem algumas ações positivas e com resultados benéficos às comunidades envolvidas. O problema desse tipo de desenvolvimento é que ele causa um efeito *bumerangue*, ou seja, acaba beneficiando mais as empresas e entidades que propuseram as ações do que propriamente a(s) comunidade(s) em si. Nesse contexto, o desenvolvimento seria apenas aplicado para o local com um efeito temporário e – muitas vezes – de caráter assistencialista.

c) Desenvolvimento Local (DL) – empreendimentos originados com a participação ativa da comunidade – por meio de agentes internos e externos – e cuja proposta passa pela disseminação da cultura da solidariedade. Os objetivos seriam – entre outros – a manutenção e o gerenciamento de potencialidades próprias com o intuito de encontrar respostas aos problemas e desafios que inibem o crescimento e a excelência na materialização de suas habilidades, capacidades e competências.

Outro aspecto relevante nas diferentes acepções sobre o desenvolvimento faz referência ao conceito de etnicidade, explicitado no argumento que se segue:

[...] etnodesenvolvimento seria o *desenvolvimento* que mantém o diferencial sociocultural de uma sociedade, ou seja, sua etnicidade. Nessa acepção, desenvolvimento tem pouco ou nada a ver com indicadores de “progresso” no sentido usual do termo: PIB, renda per capita, mortalidade infantil, nível de escolaridade etc. (STAVENHAGEN *apud* AZANHA, 2002, p. 31).

No intuito de identificar definições variadas acerca do conceito de etnodesenvolvimento, o pesquisador Guillermo Bonfil Batalla aplicou outra definição ao termo. Para o autor, trata-se de uma função social apresentada pelos povos indígenas para construir seu próprio destino, utilizando-se – para isso – de fundamentos históricos e culturais, a partir de aspirações e valores peculiares. É a busca por um desenvolvimento autônomo e culturalmente diferenciado (BATALLA 1982 *apud* VERDUM 2002). A autonomia cultural e o protagonismo desenvolvimentista podem ser traduzidos também – quando se fala de comunidades indígenas – em qualidade de vida, reforçando a necessidade de promover ações nesse sentido e que, necessariamente, levem em consideração a experiência histórica e cultural desses povos:

[...] qualidade de vida, em especial no caso dos povos indígenas, tem a ver com seus territórios, sua identidade cultural, seus valores e cosmovisão. Por isso, um projeto de desenvolvimento em escala humana remete, necessariamente, ao conhecimento e ao respeito à diversidade cultural. Todavia, não se deve tomar a noção de respeito à diversidade cultural no sentido considerado pelo capital globalizado, que busca transformar a diversidade em produto exótico, passível de venda no mercado: mas deve-se toma-la como referencial básico nos processos de desenvolvimento em escala humana (BRAND, 2001, p. 60).

Com o objetivo de aplicar os conceitos e escopos teóricos apresentados nos parágrafos anteriores, o pesquisador procurou identificar que, nas aldeias Terena, o processo de fortalecimento das instâncias internas com o uso do vídeo torna-se uma meta possível de ser atingida a partir de duas vertentes principais: a introdução de uma nova linguagem que busca garantir, às comunidades indígenas, a manutenção de seus códigos, experiências e práticas culturais por meio daquela propriedade oferecida pelo vídeo em conservar momentos, situações e elementos do dia a dia de indivíduos, famílias ou mesmo povos. Além disso, há ainda a função de ampliar os conhecimentos e direitos dos indígenas na área da comunicação.

O primeiro aspecto estabelece que os modos de vida, saberes e práticas dentro das comunidades regionalizadas agora não precisam obedecer apenas ao único e exclusivo método de transmissão de informações a disposição - desde tempos remotos - no universo indígena: a linguagem oral. Com o instrumento de comunicação eletrônico, os projetos políticos e culturais – e não apenas esses – agora têm a chance de ser captados, vivenciados, analisados e conservados sem que as

comunidades continuem dependendo de apenas um único modelo de disseminação e troca de conteúdos e conhecimentos.

Conforme observam Gallois e Carelli (1995), a circulação de peças audiovisuais entre os indígenas serve para ampliar as formas de comunicação e conhecimento das instâncias internas e externas presentes entre os diversos povos indígenas que vivem no Brasil. Esses vídeos – ao serem exibidos nas aldeias – servem basicamente para informar os integrantes dessas comunidades a respeito de assuntos de interesse comum, mas também – e talvez mais importante - têm a função de realimentar conceitos, idéias, saberes e práticas que os mais velhos desejam que sejam conservados para as futuras gerações. Dessa forma, a tradição oral permanece fortalecida – por meio da transmissão de mensagens em vídeo - e conservada com o uso eletrônico da linguagem visual.

A segunda vertente positiva proporcionada pelo uso do audiovisual tem relação com a tomada de consciência, por parte das comunidades indígenas, das possibilidades e potencialidades oferecidas pela exploração do audiovisual enquanto instrumento de comunicação de massa. Ao se apropriar do vídeo, as comunidades passam a produzir conteúdos de interesse próprio e que podem ser utilizados de duas formas elementares.

Primeiro, tais experiências no uso do audiovisual podem servir como moeda de troca no intercâmbio de conhecimentos e saberes com a sociedade não indígena. Os conteúdos poderiam contribuir como fonte de renda para as aldeias, já que muitas das práticas e saberes indígenas foram – ao longo dos tempos – sistematicamente adotadas, assimiladas e apropriadas pela sociedade dominadora sem qualquer contrapartida aos seus proprietários originais.

A segunda função dos vídeos produzidos nas aldeias seria de difusão de reivindicações e solicitações dos indígenas para com a sociedade nacional. Por serem idealizados, executados e editados pelos próprios indígenas, essas peças audiovisuais não correriam o risco de sofrer imposições ou qualquer tipo de influência direta que pudesse desviar o foco das reais intenções de seus realizadores. O problema encontra paralelo nos dias de hoje por meio da maioria dos projetos, ações, mecanismos, organismos e outras políticas públicas concebidas para atender aos indígenas mas que, invariavelmente, acabam sendo administradas sem a participação direta de representantes indígenas; por esse motivo, terminam por sofrer influências negativas

de instâncias externas às aldeias. O resultado – quase sempre – é que essas iniciativas acabam por não conseguir traduzir de maneira fiel e satisfatória aos anseios e necessidades das comunidades locais.

Para organizar a produção das imagens coletadas na aldeia Buriti com o intuito de montar um vídeo como parte da abordagem prática do estudo com os Terena da região de Dois Irmãos do Buriti, foi necessária uma seleção prévia do conteúdo filmado durante os meses de julho e agosto de 2007. O processo, dentro da linguagem televisiva, recebe o nome de *decupagem*. É quando os profissionais responsáveis pela captação do material em vídeo começam a montar o enredo a partir da escolha de trechos específicos. A estrutura é válida desde que a seqüência apresente elementos com algum sentido lógico e coerente. Nessa fase, todas as imagens e sons são selecionados e relacionados para serem depois reagrupados na etapa seguinte denominada edição ou montagem.

Nesse processo, as cenas são então elencadas de maneira lógica, coerente e seqüenciada, obedecendo a regras e normas de roteirização audiovisual. Na pesquisa, essas escolhas ficaram restritas ao crivo e decisão do grupo de acadêmicos indígenas que participaram de todas as etapas do estudo. Em última instância, os integrantes definiram certos aspectos conceituais e estéticos retratados no vídeo e que foram registrados pelo pesquisador; dados que serviram – posteriormente – como fonte de informações e material para análises.

Uma vez findada a etapa da montagem, o conjunto de sons e imagens foi justaposto e colocado à apreciação da audiência indígena. Naqueles casos determinados também pelos Terena, os filmes ou vídeos foram exibidos nas aldeias da Terra Indígena Buriti. As sessões foram de fundamental importância para acompanhar as reações e comentários de integrantes das comunidades terena, assim como para validar um dos objetivos da pesquisa ora apresentada.

Os registros visuais e sonoros construídos pelos acadêmicos realizadores foram exibidos e absorvidos por grupos de indígenas e a avaliação desses e de todos os outros processos tornou-se um aspecto essencial da pesquisa. Os impactos causados pelas sessões de exibição, tanto para os realizadores como para os espectadores nas aldeias, serviram de base para atingir os objetivos do estudo.



Na avaliação do impacto causado pelo uso do ferramental midiático de posse do conhecimento dos Terena da aldeia Buriti, o autor buscou entender as formas, lógicas e significados apresentados no vídeo. Com base nos resultados iniciais, foi possível estabelecer alguns parâmetros no sentido de argumentar sobre como as propriedades do áudio e do vídeo, identificadas nas filmagens, podem contribuir como sendo um instrumento ou ferramenta fortalecedora para o desenvolvimento local da comunidade pesquisada.

A presente dissertação foi dividida em quatro capítulos. Todos abordaram indicadores e considerações acerca do povo Terena e levaram em consideração estudos antropológicos e etnográficos de estruturação da experiência prática e de análise das imagens que envolveram a realização, por parte dos acadêmicos indígenas, de um vídeo sobre manifestações culturais presentes no universo Terena.

No primeiro capítulo abordei as particularidades do povo Terena no período posterior à Guerra do Paraguai (1865-1870). O recorte foi feito a partir dessa época devido às profundas mudanças enfrentadas pelos Terena, que vão desde a luta pela recomposição de suas terras até o uso intensivo de sua mão-de-obra pela nova sociedade, que estava sendo constituída na região. Outro aspecto explorado refere-se às peculiaridades vinculadas ao estabelecimento da Terra Indígena Buriti.

A presente pesquisa demandou, também, a apreciação de estudos relacionados ao fazer imagético, sobretudo acerca de noções, técnicas e estilos que contribuem para responder quando, como e por que as propriedades do audiovisual podem ser utilizadas na busca da reafirmação da identidade de um povo ou mesmo da interpretação do dominado diante do dominador.

Desta forma, o segundo capítulo tratou dos estudos da imagem e das concepções acerca da antropologia visual. O uso do audiovisual na comunicação intercultural foi abordado a partir de contribuições importantes e que envolvem a etnografia de comunidades indígenas. Na demonstração da eficácia dos instrumentos de documentação e do conjunto de conhecimentos adquiridos em aldeias foram apresentadas, como base do trabalho prático dentro do universo indígena, experiências de uso do aparato midiático como elemento de reafirmação da identidade cultural de

povos nativos. Um destaque especial foi dado ao projeto *Vídeo nas Aldeias*<sup>4</sup>, já que a iniciativa tornou-se o alicerce de estudos teóricos e práticos acerca da alfabetização de indígenas nas técnicas e lógicas do trabalho audiovisual para a mídia eletrônica.

O terceiro capítulo ficou reservado à descrição pormenorizada das etapas da pesquisa, desde a negociação do projeto com a comunidade indígena até a análise da experiência prática, abordada a partir da estrutura e do desenvolvimento dos processos de capacitação dos realizadores indígenas. O processo envolveu um conjunto de fases tais como o agendamento dos depoimentos, a coleta de dados com a captação das imagens, a montagem (edição) do vídeo, incluindo desde a escolha das imagens e redação do roteiro até a finalização, além dos últimos ajustes para a exibição do material.

Já no quarto capítulo apresentei as fases do processo de estruturação da peça audiovisual e posterior recepção por parte da comunidade Terena da aldeia Buriti. A primeira fase do trabalho envolveu uma análise pormenorizada das seqüências filmadas assim como todos os aspectos que abrangeram o conteúdo acabado do filme produzido pelos acadêmicos indígenas. Já a segunda metade do estudo correspondeu à avaliação dos resultados identificados no período de exibição do filme na aldeia pesquisada.

Os realizadores indígenas, que se responsabilizaram pelas etapas de captação em vídeo e edição de imagens, passaram, na primeira fase, por um período de duas semanas de aulas sobre manuseio, técnicas e usos dos equipamentos de filmagem em vídeo. Durante esse processo, os acadêmicos indígenas foram orientados a ter completa noção sobre como fazer uma gravação com equipamento eletrônico de captação de imagens em movimento, além de receber também instruções sobre composição de imagens e coleta de depoimentos na forma de entrevistas.

A fase seguinte ficou reservada à capacitação sobre a montagem do vídeo. Foi o próprio pesquisador quem realizou duas semanas de treinamento sobre edição de imagens e texto. Nesse período, os acadêmicos indígenas tiveram noções sobre a montagem audiovisual, incluindo critérios de seleção de imagens e sons, estruturação da linguagem narrativa, uso de efeitos de transição e alteração das propriedades visuais e

---

<sup>4</sup> Programa criado em 1987, por Vincent Carelli, a partir da organização não-governamental Centro de Trabalho Indigenista (CTI) e que tem como objetivo colocar o aparato audiovisual à disposição das aldeias brasileiras, permitindo assim que os povos tribais migrem de uma posição receptiva para se tornarem agentes ativos nos processos de expressão das identidades coletivas, transformação e transmissão de conhecimentos, assim como na construção de novas formas de auto-representação.

acústicas, construção de roteiros audiovisuais e técnicas de finalização/acabamento de peças em vídeo.

É importante evidenciar a decisão proposital do pesquisador em não participar das gravações (coleta das imagens). A intenção com a atitude, baseada em experiências como o projeto *Vídeo nas Aldeias*, foi se isentar de quaisquer tipos de influências (diretas) ou participação externa que pudesse, de alguma maneira, desviar o propósito e o foco dos realizadores com relação às idéias e ao desenvolvimento do roteiro por eles concebido. A idéia central da pesquisa foi alicerçada na apropriação - pelos indígenas - de um tipo de mídia eletrônica em favor do atendimento a suas necessidades políticas, econômicas e relacionadas à organização social, conforme observa uma das fundadoras do projeto de capacitação de indígenas na área do audiovisual construído pelo Centro de Trabalho Indigenista (CTI):

O que as comunidades estudadas, fotografadas e filmadas esperam da interação que estabelecem com antropólogos não são, apenas, as fotos, os filmes editados ou as teses prontas. Entretanto, é essa forma mecânica de retorno que a maior parte dos etnólogos concebe e pratica. O projeto de vídeo do CTI se propõe a inverter e enriquecer essa relação. Ao invés de simplesmente se apropriar da imagem desses povos para fins de pesquisa ou difusão em larga escala, esse projeto tem por objetivo promover a apropriação e manipulação de sua imagem pelos próprios índios (GALLOIS; CARELLI, 1995, p. 67).

Na visão do pesquisador, a auto-representação só seria alcançada caso não houvesse esse tipo de interferência com o universo estudado. Ao observar apenas o resultado da etapa de captação, haveria mais autonomia por parte dos realizadores para executar o processo conforme acertado entre os participantes das filmagens e entre esses e os outros integrantes da comunidade.

As suspeitas se confirmaram depois que as imagens vieram da aldeia. Muitas das cenas filmadas (ângulos de câmera e objetos enquadrados), assim como as respostas para as perguntas das entrevistas, revelaram aspectos diferenciados. Por um lado, houve situações em que o pesquisador poderia ter exercido certa influência positiva, como naquelas imagens que ficaram fora de foco (bastava um pequeno ajuste na lente para resolver o problema) e que não foram corrigidas pelo realizador indígena por falta de experiência. Por outro lado, a ausência do pesquisador nas gravações permitiu que certos aspectos fossem ressaltados. Na filmagem da celebração religiosa (a festa de São João), por exemplo, as cenas em que os *folieiros*, como são chamados os indígenas

responsáveis pelo deslocamento – antes e durante a festa religiosa – de uma bandeira com a imagem do Santo nas casas dos devotos, aparecem cantando e carregando a bandeira possuem – cada uma – significados distintos; por isso, foram todas filmadas e aproveitadas no vídeo. É bem provável que o pesquisador – se tivesse de montar o vídeo sem a participação dos acadêmicos indígenas – aproveitasse apenas uma das canções como forma de representar a devoção e o comprometimento dos *folieiros* com a festa. Tal fato suscitou a curiosidade do pesquisador e por esse motivo mereceu ênfase e esses comentários que foram feitos pelo grupo de acadêmicos indígenas quando do momento da edição do vídeo.

As tecnologias de áudio e vídeo são características da sociedade urbanizada. A partir do instante em que passam a servir como ferramenta ou instrumental para os povos indígenas, surge a possibilidade de que essas comunidades possam – efetivamente – mostrar a sua versão, o seu ponto de vista, a sua realidade, o seu jeito de ser e de agir, a sua concepção de futuro, passado, presente, céu, terra, natureza, misticismo... enfim, o seu olhar.

# Capítulo 1

## Os Terena: breve história

### 1.1 Guerra contra o Paraguai como marco divisor dos tempos

Os detalhes que envolveram a participação dos Terena na Guerra contra o Paraguai transformaram profundamente a estrutura social desse povo. Antes do conflito, esses indígenas formavam uma sociedade numerosa, hierarquizada e que se baseava na relação econômica de troca do excesso da produção agrícola com os não indígenas. Depois da guerra, o resultado foi uma massa de indivíduos dispersa e enfraquecida, que serviu de mão-de-obra farta e barata nas propriedades rurais constituídas na região do conflito.

A compreensão da estrutura organizacional e das modificações socioculturais por que passaram e ainda passam as comunidades Terena, pode ser melhor entendida a partir dos resultados provocados pela guerra que envolveu a Tríplice Aliança<sup>5</sup> e o Paraguai e que se estendeu de dezembro de 1864 até março de 1870. Como resultado desse conflito houve profundas alterações, especialmente na questão da manutenção das terras onde originalmente estavam situados os Terena. Por essa razão, escolhemos delimitar o universo da pesquisa sobre esse povo indígena tomando como ponto de partida o período do pós-guerra.

Até o início do conflito com os paraguaios, a relação dos índios com a população que vivia no centro-oeste de Mato Grosso do Sul era marcada pela amizade e cordialidade, com operações de troca e comércio de produtos. O respeito e reconhecimento da contribuição dos índios para com a sociedade nacional era tamanho, como evidenciou uma carta escrita pelo Governador Geral das Capitanias de Mato Grosso a um chefe Guaná,<sup>6</sup> em que era recomendado aos oficiais portugueses que "...tratam e auxiliem com todas as demonstrações de amigos e de vassalos da Coroa

---

<sup>5</sup> União entre Brasil, Argentina e Uruguai na luta para conter a expansão paraguaia aos territórios desses países, liderada pelo comandante paraguaio, Francisco Solano Lopez.

<sup>6</sup> Nação indígena que contribuiu para a formação do sudoeste do Brasil, nos séculos XVII e XVIII. Era formada por povos Eтеленoe, Layana, Exoaladi, Kinikinaua e que hoje são conhecidos genericamente como Terena.

Portuguesa, deixando-os gozar de todas as liberdades, privilégios e isenções de que gozam os demais vassallos da mesma Coroa..."<sup>7</sup>

Entre os impactos mais marcantes do período pós-guerra para os Terena, podemos destacar a alteração profunda na relação dos indígenas com a população não indígena local, formada basicamente por integrantes das tropas dos presídios e fortes das regiões de Miranda, Coimbra e Albuquerque, assim como - também - alguns comerciantes locais que lucraram com o conflito. Essa população passou a tratar os Terena como bugres<sup>8</sup> e mão-de-obra barata e abundante para as fazendas da região. Havia, ainda, muitos brasileiros vindos de outras partes do País e que, na sua maioria, desconheciam o papel desempenhado pelos indígenas na conquista e manutenção daquelas terras. Eram pessoas com espírito aventureiro, oportunista e que apresentavam uma tradição de preconceitos e de atitudes prepotentes e de desprezo com relação ao universo indígena.

Podemos citar - também - como resultado provocado pela guerra contra o Paraguai a fragmentação das aldeias nas áreas próximas ao conflito. Com medo e na tentativa de escapar da violência, muitas famílias abandonaram suas terras na busca por áreas mais tranquilas. O resultado dessa evasão foi a perda de território. Muitos Terena, ao retornarem para suas terras, foram surpreendidos com novos proprietários. Praticamente todas as aldeias localizadas próximas aos municípios de Miranda e Aquidauana deixaram de existir. Com isso, houve uma redistribuição do espaço indígena, que agora passaria a ser ocupado pelos novos donos da região. Esses brasileiros eram ex-combatentes e comerciantes de várias partes do País que estavam em busca de terras, conforme atestou o Diretor Geral dos Índios, em documento datado de novembro de 1871:

Acerca do índio da Tribo Terena, de nome José Caetano, de quem trata o ofício de V.Ex<sup>a</sup> de 7 do corrente, cujo recebimento tenho a honra de acusar, o que sei e posso afirmar é que o dito índio com mais alguns da sua tribo, em número de 17 [e] Pedro Tavares, capitão da aldeia do Ipegue, no distrito de Miranda [contaram] que na ocasião da invasão paraguaia não só sua tribo como todas as outras, e mais habitantes do distrito, abandonaram os seus lares e retiraram-se para os montes e bosques, onde permaneceram por seis anos; que ultimamente voltando seus moradores a reocuparem seus domicílios, esses Terenas encontraram sua aldeia do Ipegue ocupada por Simplicio Tavares, por sua autonomasia Piché, o qual lhes obsta a repovoarem e lavrarem suas antigas terras e de seus antepassados; pelo que

---

<sup>7</sup> Documento original depositado no Arquivo Público do Estado de Mato Grosso, *in* Carvalho & Carvalho, 1998.

<sup>8</sup> Dicionário Houaiss define o termo como índio, pessoa mal-educada ou pessoa desconfiada.

vinham pedir providências para não serem esbulhados de suas propriedades das quais não podiam desprender-se. Um outro índio da mesma tribo, de nome Victorino, que farda-se como alferes, e pertence à aldeia do Nachedache, distante da Ipegue uma légua, fez-me igual reclamação (OLIVEIRA *apud* AZANHA, 2004 [n.p.]).

Como resultado do processo de espoliação fundiária, os Terena se viram forçados a oferecer a mão-de-obra em troca da permanência na região. Como a força de trabalho indígena era abundante, os índios se tornaram alvo fácil na mão dos dominadores brasileiros que passaram a explorar, sistematicamente, a sua subserviência. Para os Terena, esse período ficou conhecido como *tempos de servidão*.

No entendimento de Oliveira (1960, *apud* Azanha, 2004, [n.p.]), em análise sobre a guerra dos países da Tríplice Aliança contra o Paraguai (1864-1870), o período pode ser considerado como um marco fundamental para a sociedade Terena. Por esse motivo, a história desse povo pode ser dividida em duas etapas elementares. No período que antecedeu o conflito, os representantes desse povo indígena eram identificados como sendo uma sociedade organizada, coesa, trabalhadora e que apresentava um alto grau de conhecimento e respeito à natureza e aos recursos que dela são advindos. O pós-guerra foi responsável pela transformação dos Terena em uma sociedade fragmentada, enfraquecida, dispersa e, de certa forma, dependente do Estado Nacional para conseguir atender suas necessidades básicas tanto na área de provimento de recursos naturais, como também no cenário político-administrativo, com destaque para as negociações para demarcação das áreas indígenas. É possível estabelecer essa época como sendo um ponto fundamental de inflexão entre a história Antiga e Moderna dos Terena.

No início do século XX, os Terena passaram a ser progressivamente confinados em pequenos territórios, por ação dos governos de então e em favor das frentes de expansão da sociedade nacional no processo de colonização do estado. Apesar de todas as conseqüências negativas em termos de perdas territoriais e de aspectos do modo de vida tradicional, com o confinamento, os grupos anteriormente em franca dispersão devido às pressões sofridas, foram reunidos, e o fato de permanecerem juntos, ainda que em confinamento, permitiu e possibilitou a permanência e o fortalecimento de costumes e hábitos, assim como a construção de um novo tipo de aglutinação dos troncos familiares que sobreviveram à dominação da sociedade nacional. De acordo com Gilberto Azanha (2004), a falta de autonomia política e econômica fez com que muitos Terena buscassem nesses espaços a promoção do reagrupamento das famílias, separadas

depois da guerra. As reservas indígenas acabaram sendo um núcleo para que esses indivíduos pudessem exercer uma certa liberdade. Ao mesmo tempo em que a situação de confinamento imposta pela sociedade dominante aos Terena implicou na perda da autonomia política, com uma dependência cada vez maior dos administradores e chefes dos postos do SPI e, posteriormente, da Funai<sup>9</sup>, houve - também - a manutenção do *ethos* terena.

Outro elemento desencadeado após a guerra contra o Paraguai foi o processo de urbanização. Para muitos Terena, o contato com a cidade acabou sendo uma alternativa diante de todas as barreiras políticas, sociais e econômicas impostas pelo Estado Nacional. Alguns indígenas passaram a identificar no contato com os não índios a possibilidade de melhorar uma realidade – muitas vezes - negativa e sem um futuro animador ou de até mesmo garantir uma oportunidade de sobrevivência diante das perspectivas limitadas oferecidas dentro da aldeia.

Com a chegada do século XX, houve por parte do governo nacional uma disposição em resolver a questão indígena. O resultado foi a criação, na década de 1910, do Serviço de Proteção ao Índio (SPI). Nascido sob o discurso de trazer proteção fraternal aos índios, o SPI mostrou aos poucos que estava executando um trabalho mais voltado à imposição ideológica do que contribuir com a autonomia de decisões que vinham das aldeias. Uma prova disso foi a falta de representatividade na gestão do órgão. O administrador do SPI era um não índio e que, portanto, estava mais a serviço da sociedade envolvente do que em atendimento às reivindicações indígenas. Tal capacidade dominadora acabou provocando – ao longo dos anos – uma dependência política crônica. Um exemplo pode ser a organização agrícola dos índios nas épocas de plantio.

Antes da Guerra contra o Paraguai, a base da agricultura terena era de um plantio itinerante. Como havia grandes extensões de terra era possível garantir um uso racional das áreas de cultivo – o que possibilitava a regeneração natural do solo. Além disso, existia autonomia com relação à escolha das áreas de plantio e, também, sobre o preparo das sementes assim como a mão-de-obra para o cultivo da terra.

Após o conflito e com a demarcação de áreas diminutas em relação ao período anterior aumentou, consideravelmente, a necessidade de sementes e óleo para garantir

---

<sup>9</sup> Fundação Nacional do Índio - entidade criada em 1967, em substituição ao Serviço de Proteção ao Índio (SPI) e que passou a gerir a política indigenista do governo nacional.



as plantações num espaço territorial que se tornou limitado e permanente. Com isso, surgiu a necessidade de mecanização de alguns processos, tais como a gradagem (uso de tratores), o preparo de áreas de cultivo reaproveitáveis e a abertura de espaços sucessivos para plantio.

## 1.2 A formação da Terra Indígena Buriti

A dimensão original da Terra Indígena Buriti, cedida aos Terena que vivem nessa área, era de 2.090 hectares. Em 1945 foram demarcados 2.140 hectares e outros 17.200 se encontram em processo legal de ampliação na justiça brasileira. A Aldeia Buriti hoje conta com uma população de 806 indígenas. A área foi formada aglomerando grupos de Terena que antes ocupavam a região de Miranda, Aquidauana e Serra de Maracaju, e que começaram a se dirigir, empurrados pelos colonizadores, no início do século XX, para áreas próximas aos córregos Barreirinho e Cafezal, conforme evidenciam estudos que foram realizados na região:

É muito possível que a atual aldeia do Buriti tenha sido formada por índios Terena remanescentes daqueles que durante o conflito com o Paraguai se teriam refugiado no alto da Serra de Maracaju. Parece que somente a partir de 1920-22 é que começaram a se concentrar naquela área famílias Terena descidas do alto da serra. Os componentes mais idosos da comunidade, quando entrevistados, foram unânimes em acusar essa época como correspondente à fundação de Buriti (OLIVEIRA, 1960, p. 93).

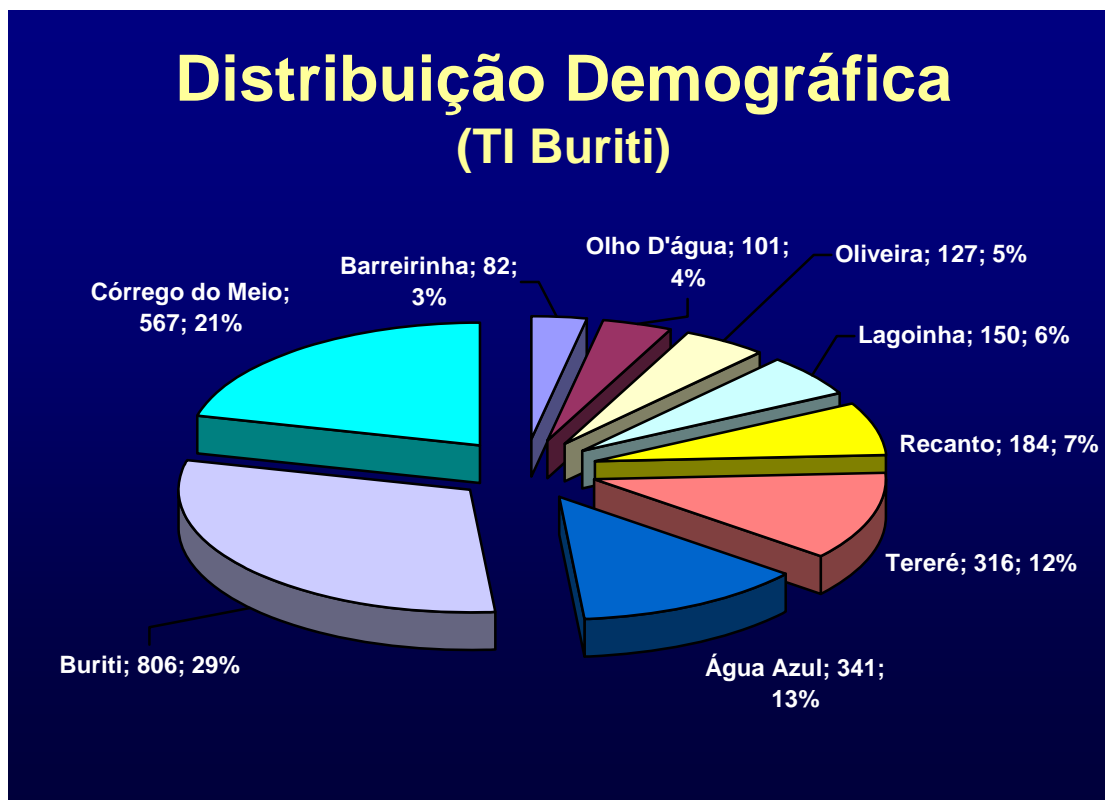
Depois da instalação de um posto do SPI<sup>10</sup> na área, em 1926, os grupos que se encontravam nas imediações, começaram a se unir em busca de reivindicações territoriais. De acordo com informações que constam de relatórios do SPI, o estudo demográfico realizado na década de 1920, indica uma variação populacional na aldeia Buriti. No levantamento de Roberto Cardoso de Oliveira (1960), em 1923, havia 420 indivíduos na área. O número passou para 448, em 1937 – um crescimento considerado tímido e atribuído ao fato de muitos Terena optarem por deixar a aldeia em busca de trabalho nas fazendas da região. Em 1946, eram 476 indígenas no Buriti. Já no censo de 1954, a aldeia contava com uma população de 483 Terena.

---

<sup>10</sup> Serviço de Proteção aos Índios – órgão criado pelo Governo Nacional em 1910 e substituído em 1967 pela Fundação Nacional dos Índios (Funai).

A Terra Indígena Buriti hoje abriga 9 (nove) aldeias em 2.154 hectares<sup>11</sup>. A reserva foi concedida por decreto em 1928 pelo Governo de Mato Grosso e registrada efetivamente como TI, em 1992.

As aldeias da Terra Indígena Buriti são: Córrego do Meio, Água Azul, Recanto, Lagoinha, Barreirinha, Olho D'Água, Oliveira, Tereré e Buriti. A população total da TI Buriti é de 2.674 indígenas, distribuídos conforme demonstrado no seguinte gráfico:



Fonte: SIASI-Funasa de 23 de fevereiro de 2007.

### 1.3 As festas religiosas terena

Outro aspecto fundamental e que guarda relação com os processos de contato interétnico dos Terena com os não índios desde a Guerra do Paraguai são as festas e cerimônias religiosas. Uma das mais marcantes para o povo Terena é a Festa de São Sebastião, que acontece todo ano no mês de janeiro. O evento reúne centenas de indígenas e mobiliza toda a comunidade. A escolha por apresentar detalhes da festa em questão se justifica por ser o tema de preferência do grupo de acadêmicos indígenas

<sup>11</sup> Fonte: SIASI-Funasa de 23 de fevereiro de 2007.

convidado a participar da produção do vídeo. Nas reuniões que antecederam a fase de captação de imagens, a temática das festas religiosas obteve caráter prioritário sobre os demais assuntos abordados: as celebrações festivas tais como aniversários e a questão da demarcação de terras indígenas. Foi possível perceber, de maneira preliminar nas reuniões iniciais com o grupo de acadêmicos indígenas e posteriormente na visita à aldeia Buriti - em Dois Irmãos do Buriti - por ocasião da Festa de São Sebastião, que o respeito e a devoção ao sagrado são elementos de identidade fortes e marcantes no universo indígena. Desta forma, houve um interesse particular em testemunhar esses momentos de celebração dentro da aldeia. Por isso, aceitei o convite para participar da Festa de São Sebastião, ocorrida em janeiro de 2008, ou seja, após a celebração da Festa de São João que foi filmada pelos indígenas para a realização do vídeo e que aconteceu em junho de 2007. A ausência em fazer parte das comemorações da Festa de São João – única parte da pesquisa sem a interferência direta do pesquisador – teve como razão essencial a eliminação de quaisquer possibilidades de intimidação ou alteração de comportamento dos indígenas filmados diante da presença do pesquisador na cerimônia. Cabe reforçar que a celebração definida pelo grupo para produzir o vídeo – a Festa de São João – será apresentada em detalhes no Capítulo 3 da presente dissertação.

O convite feito pelos acadêmicos indígenas para participar da Festa de São Sebastião se revelou como uma oportunidade ímpar de conhecer os costumes, tradições e peculiaridades que envolvem os Terena da Aldeia Buriti. Cabe destacar ainda que uma das premissas do trabalho com o grupo de acadêmicos indígenas responsável pela filmagem na aldeia foi incentivar a participação de todos com um mínimo de intervenção possível; mesmo diante da constatação – tanto no universo indígena como não indígena – de que a própria presença do equipamento de filmagem já causa certa influência na maneira como as pessoas agem e reagem quando filmadas e também no momento de entrevistas. Outro fator que também contribuiu para a decisão de comparecer à Festa de São Sebastião foi o fato de aproveitar a oportunidade singular de conhecer o comportamento dos indígenas em momentos de celebração. Com base nos relatos a seguir, foi possível identificar alguns elementos, conhecer histórias e constatar determinadas realidades que eram novidade ao pesquisador - de formação profissional e acadêmica que apresenta diferenças substanciais em relação ao tema pesquisado.

No dia 19 de janeiro de 2008, os Terena da aldeia Buriti organizaram as festividades em homenagem a São Sebastião. Segundo o relato do festeiro – seu

Juscelino Bernardo - a comemoração teve início com o pai dele que, depois de uma epidemia de febre amarela que vitimou muitos indígenas, prometeu realizar todos os anos uma grande festa a São Sebastião caso tivesse seus pedidos atendidos. A celebração acontece há pelo menos 70 anos e envolve todos os integrantes, desde os idosos até os mais jovens.

Assim que entramos na área indígena, fomos recepcionados por Eder Alcântara Oliveira e Jonivaldo Alcântara Pinto, dois dos acadêmicos indígenas participantes do projeto. Ao longo da pesquisa, iniciada em maio de 2007, os dois desempenharam funções de produtor, operador de câmera e editor. Quando nos aproximamos do local da festa, eles estavam conversando em frente ao galpão reservado para a missa em homenagem a São Sebastião. Os indígenas demonstraram uma mistura de surpresa, gratidão e reconhecimento com a presença do pesquisador naquela ocasião. Chegaram a comentar que realmente não esperavam o comparecimento efetivo do professor/pesquisador ao evento. Ficamos próximos do galpão onde seria realizado o evento religioso – primeira ação oficial da festa.

Na conversa informal com Eder Alcântara Oliveira, Jonivaldo Alcântara Pinto e mais três *patrícios*<sup>12</sup>, além de assuntos variados – é forte também a presença de brincadeiras entre eles. Os Terena se mostram um povo extremamente crítico, em especial com os patrícios. Quando um deles demonstra qualquer fraqueza ou revela que passou por alguma situação de vexame ou vergonhosa, é imediatamente criticado – de forma bem humorada – pelos demais. Já os comentários direcionados ao professor/pesquisador são sempre envoltos em respeito, educação e uma certa formalidade. A intimidade com aqueles que são de fora da aldeia só é permitida depois de um certo período de convívio. Já com os patrícios, ela é uma constante.

Depois do bate-papo inicial, começamos a ser apresentados aos patrícios. Fomos conhecer os responsáveis pelo preparo do almoço (churrasco), as mulheres da cozinha e o festeiro. Todos foram educados e mostraram respeito pelo professor/pesquisador. De início, já foi possível identificar um senso apurado de organização, especialmente em situações de grandes reuniões festivas.

No local, todos recebem funções específicas: mulheres e crianças se dividem na preparação das comidas que vão acompanhar o churrasco. As mulheres cuidam de

---

<sup>12</sup> Termo de tratamento com que os Terena se dirigem entre si e para com indígenas provenientes de outros povos indígenas.

descascar a mandioca, fazer o arroz, farofa, macarrão e o *puchero*, um prato típico feito com pedaços de carne e mandioca cozidos. As meninas auxiliam as mães na cozinha enquanto que os meninos cuidam do transporte dos espetos até a churrasqueira. Na festa, havia dois locais para o preparo da carne: uma churrasqueira principal (feita de alvenaria) e outra construída de modo um tanto quanto rudimentar (apenas uma grande abertura feita no chão para que os espetos de bambu fossem dispostos de uma ponta a outra do buraco).

As tarefas de preparação do fogo e das carnes são exclusividade dos homens. Foram no total 158 espetos de bambu, cada um deles contendo de cinco a oito peças de carne. De acordo com o festeiro, oito rezes foram abatidas para a realização da festa. O número, que à primeira vista impressionou – diante da quantidade de pessoas que atenderam ao evento – se mostrou adequado. Para cuidar de toda a carne, havia pelo menos 10 patrícios que assumiram a função de assadores. Eles se revezaram nas tarefas de cuidar dos espetos no fogo e de servir as carnes quando já estavam prontas.

Com a chegada de um padre vindo de Dois Irmãos do Buriti, foi dado início à missa em homenagem a São Sebastião. Também participaram do evento duas freiras, conhecidas como Irmãs Lauritas. O galpão reservado para os bailes, palco do ato católico, ficou cheio. Depois da cerimônia religiosa, a figura de São Sebastião saiu em procissão pelas moradias da aldeia. A religiosidade e a crença demonstraram ser um dos aspectos considerados mais importantes pelos indígenas da aldeia Buriti.

Logo após a saída da procissão, fomos convidados a conhecer a residência de um dos moradores. Conhecido pelo apelido de “Cartola”, Valdemilson Alves Alcântara nos levou até sua casa. Lá, fomos apresentados a sua mulher e aos três filhos do casal. Apenas a caçula não veio cumprimentar o pesquisador. O ato foi justificado pelo indígena: “Ela é meio rebelde”, confessou. Ficamos conversando na varanda da residência e, aos poucos, foram chegando alguns patrícios para participar do bate-papo. Entre os assuntos discutidos, destaque para a importância da educação na ótica indígena. Por várias vezes, o pesquisador foi chamado de doutor – sinal revelado por Valdemilson como sendo de respeito e admiração. Todos demonstraram ter consciência da importância da formação educacional, mas deixaram claro que o custo acaba inviabilizando a busca pela qualificação. Outro tema mencionado por Cartola com insistência foi sobre sua moradia. Ele revelou que tem a pretensão de construir sua casa “ainda esse ano, com varanda e banheiro dentro. Já tenho quatro mil telhas compradas”.

Enquanto estávamos conversando, um dos patrícios que desempenhavam a função de assador, Sebastião Alcântara Figueiredo, chegou com uma encomenda especial para o professor/pesquisador. Havia pelo menos uns três quilos de carne no espeto de bambu de uns dois metros de comprimento. A gentileza foi prontamente agradecida e, ao oferecer o alimento aos demais, um aviso foi dado por Cartola. Ele disse que só depois que o professor/pesquisador estivesse satisfeito e mediante autorização é que os patrícios poderiam se servir. Uma inequívoca demonstração de respeito e consideração e das regras de hospitalidade terena.

Outra demonstração explícita sobre a organização social dos indígenas no Buriti e que se mostra como um costume típico são as peculiaridades nas relações de amizade. Ao se conscientizarem da presença de um não-índio que passa a ser considerado “amigo”, os indígenas começam a dividir os benefícios e concessões usuais nessa espécie de contrato social. Como exemplo, podemos citar as coletas de dinheiro para a compra de bebidas e o uso do veículo do professor/pesquisador para atender necessidades corriqueiras de transporte dentro da aldeia. No princípio, tais ações causaram estranheza e até um certo desconforto mas, depois de se familiarizar com a lógica do processo cultural dentro da aldeia, passaram a ser entendidas e aceitas.

De volta ao galpão reservado à missa e ao baile, havia chegado a hora de aguardar pelo próximo passo do evento: o “recolhido do Santo”. Depois de passar pelas várias casas dentro da aldeia, a procissão de São Sebastião se aproximou da Igreja. Ao som de fogos de artifício, o cortejo deu três voltas ao redor da Igreja para depois adentrar o recinto. A comunidade então realizou a última cerimônia religiosa do dia. Foi um momento coletivo de concentração e reverência. Como já havia muitas pessoas na festa, nem todos couberam dentro da Igreja<sup>13</sup>; por isso, muitos foram obrigados a se alojar no galpão que ficava ao lado. Nesse momento, o professor/pesquisador começou a conversar com uma não-indígena conhecida pelos patrícios como “bonita” ou “colega”. A mulher é conhecida apenas pelo nome de Nice. Ex-vereadora do município de Valinhos, no interior do Estado de São Paulo, ela contou que acompanha a festa há pelo menos oito anos. A mulher revelou que estava passando um tempo na aldeia e que já prestou diversos serviços comunitários para os Terena. Pela relação testemunhada pelo professor/pesquisador dela com os indígenas, existe realmente um certo grau de

---

<sup>13</sup> Uma construção rústica pintada de verde e que se localiza logo na área central da aldeia; o espaço da frente – onde se encontra o altar e as imagens sacras – é reservado para a reza e nos fundos existe um banheiro e um depósito.

familiaridade com os moradores da aldeia. Porém, a aceitação da “colega” (forma de tratamento dos indígenas para com a mulher) não é unânime. Um dos indígenas que estavam na festa revelou: “Ela só vem nessa época e depois da festa, vai embora”. Terminada a procissão, todos se prepararam para o churrasco.

Numa imensa fila próxima da churrasqueira, os Terena se organizaram para o momento do almoço, que aconteceu às 17 horas. Um pequeno espaço coberto e com uma mesa no centro foi reservado para as chamadas autoridades. No local, permaneceram aqueles não-indígenas que foram convidados para a festa. São em geral fazendeiros da região que ajudaram com doações e outros que se encontravam ali por alguma razão especial, o que foi o caso do professor/pesquisador. Quem se sentou à mesa, recebeu um tratamento diferenciado. Os espetos foram servidos ininterruptamente e a quantidade de comida revelou uma fartura impressionante. A todo o momento, os organizadores e o festeiro se aproximavam para saber se estávamos apreciando a cerimônia e se estava tudo de acordo. Diante dos agradecimentos, os indígenas emitiram sorrisos carregados de contentamento e orgulho por serem os responsáveis por aquele momento especial.

Depois da refeição, todos se reuniram no galpão ao lado da Igreja para acompanhar o baile. Pelo envolvimento de adultos, mulheres e crianças, foi possível afirmar que os Terena são um povo extremamente animado e festivo. Logo depois de se satisfazerem com uma comida de digestão lenta para os padrões dos não-indígenas, todos já estavam preparados para dançar. Em poucos minutos, o salão estava cheio de casais se remexendo ao embalo da música típica da região: o chamamé.

Em todas as etapas da festa, especial atenção foi dada pelo professor/pesquisador aos tipos de reação dos indígenas à presença de gente de fora da aldeia. Os olhares misturam desconhecimento (distanciamento), curiosidade, atenção, desconfiança mas, acima de tudo, respeito. As crianças, sempre alegres e receptivas, chamaram a atenção de todos em diversas ocasiões. Outro aspecto interessante com relação à organização social dos Terena faz referência ao contato físico interpessoal. O distanciamento existente na sociedade dos não-indígenas, mais explícito em situações corriqueiras do dia a dia nas cidades, perde o significado no universo indígena. Em vários momentos da cerimônia festiva, o professor/pesquisador foi surpreendido com essas relações de proximidade. O momento mais marcante foi no final da cerimônia religiosa. Estávamos sentados numa cadeira conversando com os patrícios quando uma indígena de uns 12

anos de idade se aproximou e começou a conversar com outra menina. Sem dizer uma palavra, ela iniciou um movimento corporal típico que se faz ao sentar em um banco ou cadeira. Mais do que depressa, compreendi a intenção da garota e cedi uma parte do assento. Depois do ocorrido, foi possível identificar que tal ação é uma prática muito comum e corriqueira no dia a dia da aldeia. A não familiaridade do professor/pesquisador com o costume típico é que deve ter causado uma certa estranheza por parte dos Terena.

A relação com a imagem também foi um aspecto interessante identificado pelo professor/pesquisador durante a visita. Desde o começo da festa, o indígena Jonivaldo Alcântara Pinto começou a tirar fotos do evento com uma máquina digital. Ele pedia autorização para captar algumas imagens, especialmente aquelas dos patrícios mais velhos. No geral, todos se mostraram extremamente receptivos e conscientes da presença e função do equipamento naquela ocasião.

Comentários acerca da tendência da mídia em não dar vez nem voz a essas manifestações do povo Terena também se fizeram presentes. O filho do festeiro Juscelino Bernardo, Adão Fernandes, disse com certa tristeza e decepção que a imprensa e a mídia no geral apenas se interessam em revelar aspectos negativos da realidade indígena. “Eles só mostram as coisas ruins sobre o índio”, desabafou.

O processo de organização social em eventos festivos ou religiosos é tão marcado dentro das aldeias terena que mobiliza a todos os seus membros a ponto de atingir mesmo aqueles que desenvolvem atividades produtivas fora das aldeias. Mesmo os indígenas que trabalham nas fazendas, usinas ou nas cidades, e que por isso teriam menos disponibilidade de tempo, se concentram em mutirão para que a cerimônia aconteça com todos os seus significados e sua grandiosidade. Para alguns estudiosos, essas manifestações culturais são tão emblemáticas para o povo Terena que podem ser divididas em funções:

A importância dessas festividades anuais para a sociedade Terena – além, naturalmente, de sua função manifesta, transparece quando analisamos o papel daquele complexo cerimonial na manutenção da solidariedade tribal e no fortalecimento da consciência de grupo, ou, em outras palavras, sua função latente (OLIVEIRA, 1960, p.52).



## 1.4 A organização social Terena

Em termos de organização social, podemos ressaltar que os Terena apresentam uma configuração ordenada nos territórios em que habitam. Cabe ressaltar que pesquisas antropológicas, com base em informações históricas, descreveram a organização social tradicional terena como baseada em estratificação, conforme atesta Roberto Cardoso de Oliveira (1960, p.40). Esta estratificação se faria em três camadas distintas que compreendem “[...] a) *Chefes* (‘grandes’ e ‘pequenos’), b) *Povo* e c) *Cativos*. Respectivamente teríamos: a) *Naati ou Naati-Atxé*, b) *Waherê-Txané ou Maxati-Txané* (respectivamente: ‘gente feia’ e ‘gente que pede’ [...]) e *Kauti*”.

As aldeias abrigam uma série de casas dispostas de acordo – em muitos casos – com a conveniência de cada morador. Apesar disso, há certas regras estabelecidas pelas lideranças e que são seguidas para preservar o funcionamento adequado dentro dos espaços de convivência.

De acordo com Azanha (2004, [n.p]), a moradia também foi um fator resultante da Guerra contra o Paraguai e como consequência provocou uma mudança no conceito do habitar. Antes os Terena viviam basicamente do conjunto de elementos naturais, culturais, econômicos e ecológicos que eram gerados nas áreas indígenas. Nas reservas, a estrutura foi modificada radicalmente. Devido à escassez de espaço, os índios passaram a sobreviver cada vez mais de elementos advindos de fora da aldeia e dos seus arredores. Muitas das necessidades básicas dos Terena ou vêm dos grandes centros urbanos ou podem até ser produzidas nas reservas porém não sem antes necessitar de algum tipo de material que só se encontra fora dos limites territoriais das áreas indígenas.

Em pesquisa realizada por Gilberto Azanha e Maria Elisa Ladeira, em 1999, com os Terena da aldeia Cachoeirinha, foi constatado que das 484 famílias residentes na reserva e compostas por pai, mãe e filhos pequenos, 18% viviam apenas do trabalho com a terra dentro da aldeia; a maioria de 55% mesclava o trabalho na aldeia com alguma atividade externa de caráter intermitente e que geralmente era executada nas fazendas ou usinas de açúcar e álcool da região; os 27% restantes dedicavam-se somente ao trabalho fora da aldeia. Tais índices indicam que as reservas indígenas Terena apresentam elevada quantidade de mão-de-obra e que durante anos foi explorada

por fazendeiros e por agentes públicos que ainda se diziam estar trabalhando para os índios.

A estrutura organizacional das aldeias obedece uma normatização delineada pelas parentelas agnáticas, ou seja, cuja unidade social se dá a partir de grupos de irmãos com – no mínimo duas gerações (pai e filho) e no máximo quatro (avô, pai, filho e neto). Nos grupos domésticos, é geralmente a esposa que passa a morar na casa do sogro depois do casamento. O núcleo familiar presente nas aldeias é composto por grupos chamados elementares e que são compostos por marido, mulher e filhos solteiros. Há ainda famílias maiores em que são agregados, além do casal e dos filhos, as noras e genros.

Nas palavras de Ladeira (2001, p. 23), os Terena no Mato Grosso do Sul atualmente estão divididos em aldeias localizadas nos municípios de Miranda, Aquidauana, Anastácio, Dois Irmãos do Buriti, Sidrolândia, Nioaque e Rochedo. Existem ainda famílias Terena vivendo na Terra Indígena Guarani (na cidade de Dourados), e na Terra Indígena Kadiwéu (município de Porto Murtinho).

A atividade agrícola continua sendo a base da estrutura produtiva dos Terena, apesar da situação de confinamento ter obrigado os índios a criar áreas permanentes para as plantações. O espaço territorial também é reservado à pecuária, fato que tem sido motivo de discórdia entre os Terena. Muitos índios discordam da prática extensiva de criação de gado, pois a atividade acaba ocupando grandes áreas que poderiam ser dedicadas ao cultivo de vegetais, grãos e outros produtos de origem vegetal.

Conforme analisa Azenha (2004, [n.p.]), com o espaço territorial cada vez mais reduzido nas terras demarcadas aos índios, tem sido cada vez mais comum a migração dos Terena para atividades produtivas realizadas fora dos limites da aldeia. Existe hoje o trabalho temporário, denominado empreitada. Trata-se de uma atividade geralmente desenvolvida nas fazendas e que inclui serviços gerais tais como a lida com a terra, manutenção do cercamento das propriedades e o cuidado com os animais (gado, cavalos e de outras espécies). Há ainda a changa, que envolve o trabalho temporário nas usinas de açúcar e álcool das regiões circunvizinhas às reservas. A atividade é uma das principais ações de absorção de mão-de-obra hoje nas aldeias. Além disso, os Terena também contaram com o trabalho urbano, geralmente composto por em profissões liberais, principalmente na execução de serviços gerais para os homens e no emprego de atividades domésticas para as mulheres.

## Capítulo 2

### Antropologia Visual

#### 2.1 Referencial histórico

Para concretizar as idéias e proposições do projeto que aqui apresento, foi necessário me apoiar em estudos antropológicos, notadamente os de antropologia visual bem como em análises antropológicas das experiências já realizadas com indígenas no campo da produção de vídeos por eles próprios, sobre os quais faço um balanço a seguir. Cabe ressaltar, em princípio, que a transferência de tecnologia de vídeo para povos indígenas para fins da autonomia e desenvolvimento local é uma prática que já conta com importantes antecedentes, com experiências realizadas e bem sucedidas entre vários povos indígenas no país.

O interesse da antropologia pelo campo das imagens precedeu o próprio desenvolvimento da ciência interessada na sistematização racional do comportamento humano. Com o pensamento humanista do século XVIII, surgiu a intenção de construir uma noção de alteridade que pudesse identificar as diferenças e ao mesmo tempo ressaltar as diferenciações presentes nas perspectivas sociológicas da interação humana.

A tradição histórica que reúne os *modus vivendi*, as práticas e situações cotidianas com os meios de comunicação de massa revelam um intenso e duradouro sincretismo. Os principais momentos da vida social e política das nações passaram a ser documentados em toda a sua plasticidade estética e conteúdo não-estático a partir do final do século XIX e início do século XX. O período ficou conhecido pelas experimentações e práticas no campo do uso de um meio de comunicação de massa eletrônico como artefato cultural e que permitia o registro de imagens em movimento. A elaboração e divulgação do novo sistema foram atribuídas aos irmãos franceses Louis e Auguste Lumière depois da invenção do cinematógrafo. Experiências anteriores existiram com as filmagens rudimentares do pai dos irmãos, Antonio Lumière, a partir de pinturas impressionistas do século XIX. Estava sendo reconhecido que havia uma necessidade imperativa de se buscar novas técnicas, situações e metodologias para entender e explicar a humanidade. Com isso estava sendo oferecida e que oferecessem uma alternativa à etnografia clássica (BARBOSA, 2000).

Nesse momento, pesquisadores e especialistas passaram a construir formulações, teorias e práticas sociológicas tendo como objeto de estudo a imagem em movimento. A idéia era identificar todas as nuances reveladas por situações e personagens retratados na película cinematográfica. A partir de então, seria necessário buscar estratégias e diretrizes que pudessem aproveitar todas as potencialidades desse novo, surpreendente e, por vezes mágico, instrumento que dava início à possibilidade de uma análise diferenciada do comportamento humano (FELDMAN-BIANCO, 2000).

Com a chegada do século XX, perspectivas diferenciadas puderam ser concretizadas com a novidade eletrônica. Ela permitiu com que surgissem inovações nas abordagens metodológicas, estéticas e de linguagem, principalmente no campo das ciências e das artes. Nesse período, o mundo vivia constantes transformações sociológicas, humanísticas e tecnológicas provocadas pela composição histórica resultante dos então recentes processos políticos e sociais. Nesse sentido, os instrumentos de registro audiovisual começaram a servir de suporte para que técnicos especialistas e profissionais de diversas áreas além da comunicação trabalhassem outras formas de conhecimento e representação do universo coletivo.

## **2.2 Audiovisual na comunicação intercultural**

Um dos mais importantes instrumentos utilizados pelo homem contemporâneo para se comunicar tem sido o audiovisual. A presença dos meios eletrônicos de comunicação de massa compõe um universo de possibilidades que tem extrapolado apenas o campo da disseminação de informações. As redes formadas pelos *mass media* apresentam, auxiliadas pelos avanços da tecnologia, resultados práticos com a construção de módulos de dados que vem sendo amplamente aplicados tanto para aprimorar algumas ações em várias áreas do conhecimento humano assim como para satisfazer uma demanda crescente da sociedade por opções de entretenimento.

É de fácil percepção na sociedade moderna que o uso indiscriminado do vídeo já faz parte de inúmeras situações do dia-a-dia. Todos aqueles serviços que demandam o uso de um terminal de computador, por exemplo, pressupõem a interação por intermédio de um monitor de vídeo que permita acompanhar o tráfego das informações. Nesse sentido, a imagem passa a exercer um valor cada vez mais indispensável para muitos de nós, seja como suporte para garantir a efetivação de alguns desses processos

de interligação de serviços em rede ou mesmo como um instrumento que possibilite a concretização das idéias e conceitos advindos da área específica das ciências sociais aplicadas. Tal processo só foi possível graças aos avanços e inovações na área do audiovisual que permitiram com que o instrumental vídeo se tornasse algo popular e de fácil acesso em todas as partes do mundo:

A imagem impõe conceitos éticos, sentimentos, sensações que são universais, que transcendem a diversidade de culturas. Por serem atos de percepção, as imagens aproximam. Simetricamente, cabe ao antropólogo escolher, na demanda de comunicação intercultural do grupo estudado, os aspectos mais diretamente relacionados com sua experiência de contato com nossa sociedade (FELDMAN-BIANCO e LEITE, 2006, p. 315).

A partir dessa perspectiva, podemos afirmar que uma das vantagens fundamentais da ferramenta audiovisual para a sociedade dominante está no impacto causado pelo uso dos equipamentos de captação de imagens e sons. Um conceito que foi concebido com base na importância do ‘olhar’, ou seja, a perspectiva que advém de uma construção cultural e social. Tudo o que pensamos e conhecemos deriva de idéias e lógicas repletas de significados que se originam, na maioria dos casos, da nossa visão particular amparada, logicamente, em conhecimentos prévios. Foi partindo dessas premissas que especialistas, estudiosos e pesquisadores da antropologia e da comunicação audiovisual passaram a utilizar a imagem como objeto de reflexão antropológica:

[...] a imagem (fotografia, cinema ou vídeo) como uma questão de método; a imagem pensada como artefato cultural e por isso passível de se transformar em objeto de antropologia; a linguagem audiovisual como um caminho possível para elaboração e divulgação dos resultados de pesquisa, constituindo-se em alternativa à etnografia clássica; e ainda a utilização do debate em torno da imagem, realizada em qualquer um desses casos, como subsídio para uma discussão epistemológica da prática antropológica (BARBOSA e CUNHA, 2006, p. 7).

A essência da comunicação intercultural contemporânea só vai ser amplamente disseminada e utilizada em toda a sua plenitude a partir do instante em que os que dela se utilizam começarem a apreender as novas lógicas que disciplinam a apreensão que ‘nós’ temos do ‘outro’:

[...] é essencial repensarmos os recortes que delimitam nossa apreensão dos outros. Para o grande público, os índios continuam sendo apreciados na medida em que são apresentados na forma de povos exóticos, que exercem fascínio pela sua distância. Ao abrir nossos trabalhos à voz desses povos, é preciso abandonar a perspectiva da distância para privilegiar a da aproximação, do contato. Por que não fazê-lo dando prioridade à demanda de interação que esses povos colocam para a nossa sociedade, privilegiando as questões que os povos estudados colocam para a nossa sociedade? É somente com esse recorte de apresentação de um “outro próximo”, antigo na teoria antropológica, novo na mídia, que poderemos privilegiar a perspectiva da comunicação intercultural (FELDMAN-BIANCO e LEITE, 2006, p. 316).

Nessa linha de pensamento, torna-se imperativo que haja relações entre culturas, principalmente dentro de um mesmo espaço territorial. As diferenças culturais que estão inseridas em uma mesma localidade devem ser identificadas e estimuladas para que funcionem no modelo de coexistência. A prática do hibridismo de culturas tem por resultado positivo, além da pluralidade de pensamentos, hábitos, costumes e lógicas, o estímulo às diferenças e alterações sociais e culturais a partir das interconexões provocadas pelo multiculturalismo.

### **2.3 Relação com as populações tradicionais**

Dentro da perspectiva de registro audiovisual nas situações que se fizeram presentes com a potencialização do domínio do visível, podemos destacar a atuação de profissionais e estudiosos em duas áreas que exploraram sistematicamente o universo imagético: o cinema e a cultura material dos povos. A pesquisa na área da comunicação eletrônica por imagens veio da limitação causada pelo processo observativo etnográfico e que serve de base para estudos antropológicos. Na formulação de um olhar diferenciado enquanto produto do sincretismo de culturas distintas, a abordagem etnográfica é limitada na medida em que se propõe a produzir entendimentos acerca do mundo civilizado.

Vislumbrando as constatações que se apresentavam e para atender aos anseios do mundo científico, teóricos e pesquisadores passaram a concentrar esforços na busca de um modelo simbiótico que reunisse ao mesmo tempo as propriedades do cinema antropológico com a técnica e logística da produção documental. Podemos ressaltar personagens e trabalhos considerados precursores nessa linha de atuação.

Os estudos e levantamentos feitos por Robert Flaherty não apenas contribuíram para a história do cinema documental mas também auxiliaram a entender de maneira substancial o universo antropológico. Ao imprimir um novo olhar cinematográfico com suas pesquisas em comunidades isoladas e povos indígenas, Flaherty intencionava evidenciar o ponto de vista dos nativos. Um de seus mais reconhecidos filmes foi *Nanook of the North*, considerado o primeiro documentário da história. Trata-se de um estudo antropológico fílmico, lançado em 1922, e que consumiu mais de dois anos de pesquisa dentro do cotidiano de uma família de esquimós que viveu no norte do Canadá. O cineasta-antropólogo revelou diante das lentes situações cotidianas por que passaram esses atores sociais tais como a construção de moradias – os iglus – a caça de animais para subsistência e a preparação de alimentos (NICHOLS, 2005).

Outro importante expoente do universo imagético/etnográfico foi Bronislaw Malinowski. Ele ficou conhecido por trabalhar com os Trobriandeses e por questionar os modelos evolucionistas evidenciados na segunda metade do século XIX. As conceituações metodológicas tratavam de denunciar a barbárie do homem civilizado e a civilização do homem considerado selvagem. Os conceitos de alteridade passaram a ser tratados como uma questão epistemológica, quando aqueles que eram considerados selvagens passaram a ser vistos como primitivos. Nesse contexto, surge a figura de Malinowski que, aos 30 anos de idade, foi enviado pelo governo britânico para uma expedição em aldeias nativas nas ilhas de Mailu e Trobiand, na região dos trópicos. O antropólogo foi encarregado de produzir relatórios acerca da vida dos nativos das regiões pesquisadas. Para a tarefa, Malinowski levou apenas os mantimentos básicos para sobrevivência nas ilhas, além de dois equipamentos para registro de imagens estáticas. As máquinas fotográficas acompanharam o pesquisador durante todas as etapas do processo. O registro imagético foi seguido de relatos verbais reunidos em um diário que, anos mais tarde, se transformou em material de pesquisa sobre populações tradicionais (Samain *apud* Eckert, 1995:24).

## **2.4 Estudos da imagem**

O processo de produção de imagens encontra as suas origens a partir do século XIV na Europa com a criação das Academias de Pintura e Escultura. Eram espaços reservados para educar o olhar de desenhistas e pintores segundo a técnica da

perspectiva (BORGES, 2005). A intenção era produzir imagens que não apenas espelhariam o real, mas que também pudessem traduzir os atos dos legítimos sujeitos da História. Borges (2005, p. 80) sustenta que esperava-se dos artistas que eles retratassem ao seu público-alvo a glória dos feitos dos seus dirigentes que eram pertencentes às famílias monárquicas. A partir desses conceitos, procurou-se definir a natureza polissêmica da imagem; uma linguagem nem verdadeira nem falsa e de cujos discursos operam sinalizações lógicas e diferenciadas de organização do pensamento, de ordenação dos espaços sociais e de medição dos tempos culturais.

Nessa mesma linha, é fundamental destacar também a necessidade de conhecimento da estrutura da imagem. Toda fonte imagética é produzida a partir de um artefato físico-químico e pressupõe a existência de um referente; é composta por cenários, personagens e acontecimentos de uma determinada cultura material. É formada por uma imensa variedade plástica materializada por diferentes formatos e múltiplos enquadramentos; pressupõe um jogo de exclusão e inclusão e como tal não se trata apenas de uma representação do real, mas também faz parte de um sistema simbólico pautado por códigos provenientes da cultura que os produz (BORGES, 2005).

Na busca por um aprofundamento dos estudos imagéticos, tem-se que um dos reflexos mais imediatos da chamada era da mídia informativa é o aumento do acesso a dados; volumes cada vez maiores de imagens e sons traduzidos em notícias, curiosidades e entretenimento estão sendo disponibilizados em canais múltiplos. Essa realidade informacional, que dentro do universo audiovisual se traduz em bits e bytes, com a chegada da era digital causa uma série de resultados que variam de acordo com o público receptor. Os efeitos mais visíveis são a superficialidade no recebimento e na absorção de mensagens dentro do processo de massificação da comunicação. Tal processo – em muitos casos – acaba gerando em algumas comunidades locais o conceito difuso de que quantidade é sinônimo de qualidade. O resultado da construção cultural e social acumulada nos últimos anos instiga reflexões, em especial aquelas de ordem antropológica. A necessidade de conhecer e pensar o universo civilizado em fenomenologias de cuja perspectiva o olhar diferenciado torna-se a grande fonte de percepção e conhecimento.

Ao mesmo tempo, existe por parte de uma camada minoritária da sociedade – em especial as populações tradicionais – uma necessidade de resgate e preservação das suas origens. Com a globalização e a disseminação de alguns processos de integração,



muitos aspectos da tradição de alguns povos tendem a desaparecer. As razões para isso se devem em grande parte à falta de interesse, assim como à ausência de instrumentos que possam garantir o efetivo resgate e preservação dessas heranças culturais.

A partir do surgimento e disseminação das tecnologias de informação e de comunicação (TIC) tornou-se concreto o estabelecimento de novas possibilidades de reafirmação da identidade cultural de grupos sociais, principalmente na dimensão relevante a programas de desenvolvimento local.

## **2.5 Experiências de uso**

A preocupação com a tradição da oralidade dentro dos grupos indígenas aparece como um fator de preocupação e distanciamento à proposta de uso do vídeo como fator de desenvolvimento das comunidades nativas. Alguns críticos alegam que a introdução da tecnologia audiovisual acabaria se tornando uma ameaça para a manutenção da sua identidade cultural. Rodrigues (2002) defende que o estudo da pesquisadora Laura Graham, que ao realizar abordagens com os Xavante da aldeia Pimentel Barbosa, no Amazonas, acabou por constatar exatamente o oposto. O líder da aldeia na época – Warodi – demonstrou total consciência da importância dos aparatos tecnológicos enquanto instrumentos de registro, documentação e arquivo de conhecimentos e rituais desenvolvidos dentro das aldeias.

Com relação à importância da linguagem videográfica como metodologia de uso no cotidiano do homem moderno, Bela Feldman-Bianco (1998), afirma que o surgimento de câmeras cada vez mais modernas, de fácil manuseio e preço acessível tem facilitado consideravelmente o trabalho de registro visual. No entanto, tal facilidade pode ser problemática ao não se estabelecer critérios para a captação das imagens. Dessa maneira, não há como realizar um processo confiável de análise e de produção de sentido ao se avaliar o resultado do trabalho imagético.

A importância da linguagem videográfica foi consolidada a partir do surgimento de equipamentos que trouxeram inovações ao processo de filmagem, oferecendo um custo relativamente baixo em comparação com modelos mais profissionais. Tal fato acabou ajudando consideravelmente o trabalho de registro visual (FELDMAN-BIANCO, 1998). No entanto, esse auxílio pode significar uma tentação ao não se estabelecer critérios para a captação das imagens. O uso de vídeos ou filmes étnicos

depende consideravelmente de como o material será utilizado pelo pesquisador. Por isso, torna-se indispensável a utilização de critérios quanto ao uso de efeitos gráficos, músicas e outros mecanismos que possam influenciar no processo de montagem do material captado pela câmera. (COLLIER, 1973). Há geralmente uma confusão quanto às finalidades no filmar e cortar as cenas para vídeos etnográficos. Todo processo deve obedecer ações que determinem a lógica dos procedimentos. Qualquer elemento ou fator que procure simular ou representar uma realidade diferente daquela captada in loco pelas lentes do equipamento de vídeo pode comprometer sobremaneira o resultado final do processo.

O investigador de campo, mesmo trabalhando em ambientes pouco controlados e incertos, deve utilizar o material coletado como instrumento de observação e descrição a ser analisado posteriormente (COLLIER, 1973). As imagens e sons passam, então, a funcionar como meios de demonstração da cultura espontânea de um grupo a partir da realidade estudada.

Entre os diversos fatores de controle existentes na produção de audiovisuais, a montagem final configura-se como uma das mais polêmicas. Surge – então – uma pergunta: o vídeo que se propõe a realizar uma pesquisa deve ser cortado? A exibição na íntegra das seqüências brutas configura grau de autenticidade do produto audiovisual? Há antropólogos realizadores de vídeos etnográficos que defendem a tese de que o corte acaba valorizando aspectos e nuances que poderiam adquirir menos importância ao se expor imagens e sons originais. A norma prática estabelece que todo produto imagético merece ser editado apenas se os cortes e adaptações não comprometerem o entendimento e a estrutura básica da ação (COLLIER, 1973).

## **2.6 Projeto *Vídeo nas Aldeias***

Na sociedade urbanizada, a produção e disseminação de informações tem sido um processo contínuo e em plena expansão. Uma parte significativa desse crescimento é resultado de invenções como a imprensa, a tipografia e os mecanismos de produção de informação em escala industrial. Nesse contexto, podemos citar os meios eletrônicos de comunicação como sendo uma das bases para o avanço da proliferação de informações em massa. Entre esses instrumentos, o vídeo merece destaque como sendo um dos principais veículos de informação criados pelo Homem.

As funções do vídeo são inúmeras; podemos destacar como uma das principais o registro da realidade de algumas cidades, acontecimentos sociais e outras peculiaridades que colaboram na formação de um povo, comunidade ou sociedade. Pensando nisso, um grupo de pesquisadores do Centro de Trabalho Indigenista (CTI), uma organização não-governamental fundada em 1979, começou a desenvolver em 1987 um projeto de empoderamento da ferramenta vídeo por parte de comunidades indígenas. Nascia o projeto *Vídeo nas Aldeias*. A possibilidade de intercâmbio cultural de índios e não índios, por meio do audiovisual, poderia dar aos povos indígenas uma série de oportunidades, como a chance de construir formas diferenciadas de adaptação no contato com a sociedade formal.

Tão logo começaram as primeiras produções, as equipes de realizadores índios já foram tomando consciência das alternativas de representação a partir de um texto próprio. O auto-conhecimento tem permitido um avanço até mesmo na identificação e problematização do ponto de vista do outro que, no caso dos povos indígenas, seriam os não índios. Esse reconhecimento tem sido fundamental no incentivo e na busca de um repensar ou até mesmo um reorganizar de diferenças e semelhanças que existem entre essas duas realidades, às vezes tão próximas, porém com acentuadas distâncias em termos de perspectiva e objetivos.

A apropriação e conseqüente manipulação dos recursos audiovisuais por parte dos índios também tem representado um campo de pesquisa interessante, pois permite a abertura de novos processos de reconstrução/reafirmção de identidades. Isso é possível com a transferência e disseminação de conhecimentos entre os índios de uma mesma região, entre as aldeias de uma mesma terra indígena e até mesmo entre os povos dominados e seus dominadores.

Com o projeto, foi possível ainda incentivar a auto-afirmação da identidade dos povos indígenas a partir da criação de redes de informação. O argumento foi defendido por Ruben Caixeta de Queiroz no artigo Política, Estética e Ética no Projeto Vídeo nas Aldeias, veiculado no site [www.videonasaldeias.org.br](http://www.videonasaldeias.org.br). Desde o início, o propósito do programa visou capacitar realizadores indígenas para que eles mesmos desenvolvam peças audiovisuais com temáticas próprias.

A intenção é permitir que, com essa instrumentalização do ferramental vídeo, seja disponibilizada aos índios a chance de pensar, discutir, executar, montar, exhibir e analisar conteúdos audiovisuais que pudessem refletir os reais anseios e aspirações da

própria comunidade e também em relação ao não-índio. Tal revisão da auto-imagem seria essencial na manutenção e transmissão de algumas práticas culturais tanto em caráter intercomunitário como também interétnico. Aliás, um dos objetivos do projeto *Vídeo nas Aldeias* foi implantar uma rede de trocas de experiências entre os grupos indígenas. O autor reforça que a iniciativa partiu do princípio de que as identidades indígenas são mais disseminadas do que exclusivas e que são construídas a partir de tradições fragmentadas e de influências transculturais.

Além disso, para os índios o projeto passou a ser uma oportunidade de reafirmação étnica. A idéia é resgatar uma identidade coletiva a partir do auto-reconhecimento e da revisão da própria imagem. O contato com a alteridade pode servir como aliado nesse processo, pois ajudaria a reforçar todos aqueles traços exclusivos que formam a identidade cultural de um grupo, comunidade ou sociedade.

As potencialidades identificadas com o uso do instrumento midiático de comunicação de massa poderiam inclusive abrir caminho para novas formas de auto-representação por parte dos índios. O estudo feito no presente trabalho com o grupo Terena da aldeia Buriti em 2007 e 2008 revelou – entre outros aspectos – uma série de construções narrativas dentro de lógicas, estéticas e dimensões sócio-culturais que apresentam diferenças substanciais em relação aos modelos vigentes e que são regidos pelo pensamento eurocêntrico (SHOHAT & STAM, 2006 p. 24).

Com a produção de roteiros a partir de demandas indígenas, o objetivo - por parte do pesquisador - é identificar os resultados que podem surgir a partir da ótica indígena (novas lógicas visuais); há também o interesse em estimular o ineditismo nas formas de percepção e apresentação das necessidades geradas com as discussões entre os representantes da própria comunidade estudada. Com base nas experiências de vivência nas aldeias, poderão surgir conceitos, princípios e métodos que compreendem a interação dos índios com a sua realidade e no contato com a sociedade envolvente.

O projeto *Vídeo nas aldeias* nasceu em Olinda, Pernambuco, como uma iniciativa do Centro de Trabalho Indigenista (CTI), organização não-governamental criada em 1979 e que atua no auxílio às comunidades tradicionais. A ONG possui grupos de pesquisadores que desenvolvem trabalhos voltados ao auxílio dos representantes índios no reconhecimento e recuperação dos direitos territoriais, no manejo dos recursos naturais e no desenvolvimento sustentável das áreas habitadas pelos povos nativos (ECKERT, 1995).

Uma das metas centrais da iniciativa é colocar à disposição das aldeias todas as possibilidades oferecidas pelo audiovisual, fazendo com que os índios migrem de meros objetos de exploração científica e acadêmica para se tornarem agentes de seu próprio desenvolvimento. Isso seria concretizado no momento em que as comunidades passassem a ter consciência de todo o potencial oferecido pela mídia vídeo. A partir de então, poderiam surgir novas demandas e estruturas que iriam cumprir pelo menos duas funções prioritárias dentro do universo em que estão inseridas as nações indígenas.

A intenção é permitir o desenvolvimento pleno e a disseminação da comunicação interétnica. Ao dominar as técnicas e métodos de filmagem, os índios adquirem a capacidade de se identificar, entender e assimilar alguns dos traços culturais que contribuíram para a sua existência. Seria fundamental ainda apreender os processos e diretrizes que compõem os diferentes povos indígenas que habitam o território brasileiro.

A apropriação dos meios eletrônicos de registro de imagens pelos indígenas também produz como resultado prático o conhecimento dos meios pelos quais a sociedade urbanizada se orienta e organiza. Pelo método comparativo, os realizadores indígenas poderiam, por exemplo, utilizar todo o aparato das ferramentas óticas e acústicas para identificar as principais semelhanças e diferenças entre a vida nas aldeias e a vida urbana. Para isso, haveria a necessidade de identificar – dentro e fora das comunidades indígenas – quais elementos iriam possibilitar a aplicação de tais conceitos.

Foi a partir desses conceitos que Carelli e Gallois (1995) começaram a dar andamento ao projeto com a implantação de oficinas de capacitação. Nas aulas, os índios eram apresentados ao universo imagético, tomando conhecimento de todas as etapas que envolvem a produção audiovisual, desde a concepção do roteiro de imagens e sons até a finalização do material editado.

A proposta do projeto *Vídeo nas Aldeias*, assim como do autor do presente estudo, é promover o intercâmbio de conhecimentos entre os índios e os não índios. Isso seria feito com o uso das imagens e sons. Tais instrumentos midiáticos iriam representar, por meio de conceitos éticos, sentimentos e sensações, um mundo sensível ao público de fora da aldeia.

O caráter de inovação do projeto está no controle pelos Terena da ferramenta vídeo, um importante instrumento de comunicação que poderá passar a servir como um dos principais veículos de informação dos índios e para os índios. Além disso, a apropriação da tecnologia pelos Terena também vai tornar possível avaliar o interesse deles por novos saberes. Mais importante ainda será estudar o impacto causado e de que maneira será absorvido, adaptado e manipulado pelos índios.

Outro aspecto valioso da pesquisa ora proposta foi examinar a forma de familiarização com a tecnologia audiovisual pelos Terena; a maneira como esse instrumental midiático foi disposto com vistas a privilegiar suas questões e interesses específicos também se tornou fundamental no processo de análise. Entre as questões essenciais que surgiram como resultado do processo de interação, podemos inferir como a apropriação do instrumento audiovisual por parte dos Terena pode contribuir na relação entre índios e não índios.

É importante também que a manipulação do instrumental audiovisual não seja interpretada como uma ameaça aos saberes tradicionais. O uso do vídeo deve ser encarado como uma oportunidade importante de repassar às futuras gerações algumas práticas e conhecimentos que hoje ficaram restritas à memória dos mais velhos.

Em pesquisas antropológicas e etnográficas realizadas a partir da execução do projeto *Vídeo nas Aldeias*, foi detectado que as comunidades tradicionais, ao se apropriarem das técnicas e metodologias do audiovisual, utilizam as propriedades do vídeo de duas maneiras elementares, porém não exclusivistas:

Para preservar manifestações culturais próprias a cada etnia, selecionando-se aquelas que desejam transmitir às futuras gerações e difundir entre aldeias e povos diferentes; para testemunhar e divulgar ações empreendidas por cada comunidade para recuperar seus direitos territoriais e impor suas reivindicações. (Gallois *apud* Eckert, 1995:50)

Ao realizar as filmagens e trocar experiências de percepção do conteúdo exibido, os indígenas promovem a transmissão de símbolos, hábitos e comportamentos que passam a ser realimentados como resultado do processo de disseminação cultural. O contato também pode e deve ser estimulado para que ocorra além das fronteiras dos territórios terena. Tal fato serviria para derrubar visões deturpadas e ultrapassadas que

pregam a necessidade de isolamento, conservação e até mesmo a manutenção da “pureza” desses povos.

## Capítulo 3

### Produção do vídeo

#### 3.1 Processo de concepção do vídeo

A idéia do trabalho prático envolveu uma pesquisa colaborativa com os indígenas da aldeia Buriti, localizada na região de Dois Irmãos do Buriti, em Mato Grosso do Sul. O estudo buscou identificar o comportamento dos indígenas – agentes realizadores ou não – diante das atividades e gravações em curso na rotina da aldeia. Ao pesquisador coube a interferência na etapa de capacitação do grupo de acadêmicos e na coleta de dados advindos das filmagens. O trabalho – que incluiu a relação do material em vídeo assim como as explicações, por parte dos índios, das razões para as escolhas visuais – permitiu uma descrição minuciosa das atividades a partir da ótica indígena.

A ausência do pesquisador na etapa de filmagem da festa de São João foi intencional. Depois de reuniões com o grupo de acadêmicos indígenas responsável pela produção do vídeo, ficou acertado que essa etapa do processo poderia render resultados mais efetivos e espontâneos caso não houvesse a intervenção direta do pesquisador na captação das imagens. A própria presença dos equipamentos de filmagem já – de certa maneira – oferece um tipo de intimidação, especialmente na qualidade das imagens assim como nas respostas das entrevistas feitas com os indígenas da aldeia Buriti. Tais fatos foram comprovados com a visita do pesquisador à aldeia mencionada quando da festa de São Sebastião, ocorrida em janeiro de 2008 e descrita no capítulo 1 da presente dissertação.

O estudo compreendeu a capacitação de um grupo de acadêmicos indígenas com o objetivo de produzir um vídeo. O produto final teve como característica essencial o respeito à lógica e ao olhar indígena tanto na captação das imagens quanto na realização da montagem. Para isso, foram realizadas sessões de orientação sobre domínio e usos do instrumental tecnológico necessário para a montagem do vídeo.

O trabalho com o uso do instrumental midiático teve como referência o projeto *Vídeo nas Aldeias* acima mencionado, que tinha como missão promover o empoderamento das comunidades indígenas no uso da mídia eletrônica visual. A



manipulação da ferramenta videográfica por parte das diversos povos indígenas espalhadas pelo Brasil e que fizeram e fazem parte do projeto tem provocado resultados que vão além da mera transmissão de conhecimentos:

[...] quando colocados sob o controle dos índios, os registros em vídeo são principalmente utilizados em duas direções complementares: para preservar manifestações culturais próprias a cada etnia, selecionando-se aquelas que desejam transmitir às futuras gerações e difundir entre as aldeias e povos diferentes; para testemunhar e divulgar ações empreendidas por cada comunidade par recuperar seus direitos territoriais e impor suas reivindicações. No entanto, a experiência também comprova que a apropriação do vídeo pelos povos indígenas extrapola a função instrumental da comunicação. Os resultados obtidos estão menos na maior circulação de informações entre os povos do que na forma inovadora como esses grupos se apropriam delas (GALLOIS; CARELLI, 1995, p. 63).

Foi com esse referencial básico que começaram as negociações no sentido de colocar em prática uma experiência audiovisual com os indígenas da Aldeia Buriti. A conversa inicial com o orientador da pesquisa, professor Antonio Brand, resultou na idéia de levar adiante o projeto com acadêmicos indígenas da Universidade Católica Dom Bosco. Após um breve período de escolha e seleção da equipe de trabalho, com base na disponibilidade e interesse de cada um dos indígenas, fechamos o grupo que iria ficar responsável pelo contato na aldeia e pela realização do vídeo.

### **3.2 A negociação da pesquisa com a comunidade Terena**

As negociações para a produção do vídeo com a comunidade da aldeia Buriti tiveram início na Universidade Católica Dom Bosco, em maio de 2007. O primeiro passo foi fazer contato com os alunos indígenas do projeto Rede de Saberes. No dia sete de maio do mencionado ano houve a primeira reunião de trabalho. Estavam presentes os professores Antônio Jacó Brand e Mônica Thereza Soares Pechincha, respectivos orientador e co-orientadora da presente dissertação, além do autor do estudo. Participaram, ainda, do encontro os acadêmicos indígenas Edineide Bernardo Farias, Eder Alcântara Oliveira, Jonivaldo Alcântara Pinto e Genildo Alcântara.

No encontro, foi explicitado o conceito e o detalhamento do projeto de pesquisa. A proposta de trabalho na aldeia estava condicionada ao aval por parte das lideranças indígenas. Depois de explicado o conteúdo do estudo, os acadêmicos índios disseram não haver problemas por parte deles em aceitar o engajamento no projeto. Uma nova

data foi então marcada para que, em visita ao representante dos Terena na aldeia Buriti de Dois Irmãos do Buriti, fosse feita a solicitação formal ao cacique.

No dia 26 de maio de 2007, a equipe formada pelo autor da pesquisa, o professor orientador Antonio Brand e o professor da UCDB Francisco Teodoro se deslocou até a aldeia Buriti para realizar a apresentação formal da proposta de estudo às lideranças da aldeia. O cacique Rodrigues Alcântara não pôde comparecer na data acordada e por isso enviou como seu representante o Terena Arcelino Batista. Na ocasião, foi apresentado aos índios o projeto por intermédio de uma solicitação formal de apoio e colaboração na execução dos trabalhos. O professor orientador da dissertação, Antônio Brand, fez a apresentação formal dos membros da equipe ao representante dos índios. Arcelino Batista acatou o pedido e autorizou que o trabalho fosse realizado na aldeia. Todo o procedimento foi registrado em ata por exigência do cacique. Todos os participantes do encontro assinaram o documento oficializando o encontro, a parceria, a anuência dos Terena e a legitimidade da pesquisa. O momento marcou a oficialização da pesquisa e abriu caminho para a próxima etapa do projeto.

Na oportunidade, ficou acertado que o estudo teria caráter exclusivamente acadêmico por parte do autor da pesquisa ou da Universidade Católica Dom Bosco (UCDB). Isso quer dizer que não houve nem haverá qualquer intenção de ambas as partes em obter vantagem financeira ou de qualquer outra natureza além da abordagem científica do projeto.

A próxima etapa do processo envolveu a capacitação dos quatro acadêmicos Terena; eles participaram, por um período de duas semanas, de aulas sobre manipulação de equipamentos de captação de imagens. O mini-curso de capacitação em operação de câmeras foi ministrado pelo autor da pesquisa nos dias 15 e 22 de junho de 2007, na sala de aula do andar térreo do Bloco A, no campus Tamandaré, da Universidade Católica Dom Bosco (vide fotos em anexo).

Com o conhecimento adquirido no período de treinamento, os acadêmicos começaram a realizar as filmagens. Antes dessa etapa, houve encontros informais para que o autor da pesquisa pudesse entrar em contato com a comunidade terena da aldeia Buriti. Durante uma dessas primeiras reuniões, foram discutidos pelos indígenas e também com eles quais seriam os possíveis assuntos que despertariam interesse na comunidade. Naquela ocasião, foi apontado pelos acadêmicos que um dos temas mais relevantes para os Terena seria a questão da retomada e demarcação de terras. No

entanto, o grupo definiu que o assunto tema do vídeo seria a exibição dos costumes e tradições da Festa de São João. A explicação fornecida por eles para a escolha foi que o registro dessa festividade iria traduzir de maneira mais fiel alguns aspectos dos costumes, hábitos e princípios indígenas, mais especificamente aqueles relacionados aos Terena da Aldeia Buriti.

Na fase de seleção dos assuntos que seriam filmados, o grupo demonstrou uma preferência por temas ligados a manifestações culturais, tal como comprovam as fitas gravadas nas semanas que se seguiram ao período de capacitação. Eles foram a campo e fizeram registros de festas e atividade ligadas à religião. O material foi colhido nos meses de julho e agosto de 2007. Foram pelo menos oito horas de imagens brutas. Depois de mais um período dedicado à orientação dos acadêmicos, as imagens originais foram então examinadas em minúcias (etapa conhecida como decupagem) e divididas por assunto e grau de importância da composição de uma narrativa lógica e coerente sob o ponto de vista dos Terena.

Mesmo antes da fase de capacitação, os alunos realizadores já haviam identificado a necessidade do uso do vídeo para retratar a realidade nas aldeias sob a ótica deles. Reitero o comentário da acadêmica indígena Edineide Bernardo Farias sobre a maneira superficial e tendenciosa com que a imprensa nacional apresenta os assuntos ligados à comunidade indígena. Para obter um retrato mais fiel da identidade dos Terena enquanto povo e validar as ações de desenvolvimento endógeno, os acadêmicos concordaram com a idéia de que iniciativas semelhantes como a desta pesquisa são importantes e necessárias.

O estudo acerca da temática apresentada no título da dissertação revela como objetivo principal a análise do impacto da auto-imagem para o povo Terena. A representação imagética da comunidade estudada teve como resultado inicial a construção de um vídeo: imagens e sons de momentos peculiares, surpreendentes e diferenciados, que refletiam o cotidiano genuíno do *modus vivendi* terena.

Após a conclusão do trabalho, o material produzido e escolhido pelo grupo de acadêmicos indígenas, ou seja, o vídeo sobre a importância da festa de São João para os Terena da Aldeia Buriti, foi colocado à disposição da comunidade indígena. A intenção é que o mesmo seja utilizado – entre outros propósitos – como referência na produção de futuras peças audiovisuais que se fizerem necessárias no âmbito do Desenvolvimento Local relacionado à comunidade que habita a Terra Indígena Buriti.

### 3.3 Registro da fase de Pré-produção

Na primeira etapa de capacitação foram repassados aos acadêmicos Eder Alcântara Oliveira, Jonivaldo Alcântara Pinto, Genildo Alcântara e Edineide Bernardo Farias, os conceitos teóricos elementares acerca da manipulação de imagens. Entre os elementos abordados, foram destacadas as definições sobre planos individuais e os enquadramentos mais utilizados na produção cinematográfica. Nesse primeiro encontro em sala de aula, as reações dos acadêmicos foram, de certa forma, semelhantes – porém, surpreendentes. No princípio, tanto pelo caráter inovador dos conteúdos apresentados assim como pela falta de intimidade com o professor-pesquisador, houve um certo distanciamento. Tal fato, no entanto, não deve ser confundido com falta de interesse. Foi uma interessante demonstração de atenção concentrada, apesar dos integrantes do grupo já se conhecerem. Talvez a resposta esperada (pré-concebida) pelo pesquisador tivesse sido a incidência de espasmos de conversas paralelas, típicas de uma sala de aula urbana. Grata surpresa que o resultado foi um tanto diferente do esperado.

A segunda parte da aula do dia 15 de junho foi dedicada ao escopo teórico que abrange a produção de um vídeo, desde a concepção da idéia – com a discussão do tema e seus possíveis subtemas – até a fase da montagem envolvendo a edição de textos, imagens e sons. Para auxiliar na concepção da idéia de formatação do vídeo, foram apresentadas peças produzidas pelos alunos do último semestre de Rádio e TV, da Universidade Católica Dom Bosco. Os filmes continham temas variados e formatos diferenciados para que os acadêmicos indígenas pudessem se familiarizar com o universo audiovisual, facilitando assim a opção de escolha do produto final que foi construído por eles.

Depois das explanações, foi aberta a discussão para escolha do tema do vídeo. Uma vez indagados, os acadêmicos optaram por relatar as festividades da aldeia, apesar de terem demonstrado durante uma das primeiras reuniões que a questão da retomada e demarcação de terras também se apresentava como uma temática relevante. Ficou definido então que, a partir do mês de julho de 2007, começariam as filmagens sobre as celebrações festivas na aldeia Buriti.

A segunda parte do processo de capacitação na captação de imagens aconteceu no dia 22 de junho de 2007. Foi a vez de apresentar o equipamento de filmagem com o

qual a equipe produziu o vídeo. Para isso, o pesquisador – juntamente com o técnico estagiário do Laboratório de Comunicação da UCDB, Marcelo Cristiano, familiarizou os acadêmicos na utilização apropriada da câmera de vídeo, do microfone e de acessórios adicionais tais como cabos e baterias. Nessa etapa do processo – até por se tratar de uma atividade eminentemente prática – houve uma resposta mais ativa por parte dos alunos. Inicialmente, eles demonstraram acentuada atenção às orientações quanto aos usos e demais recomendações acerca dos equipamentos para logo após apresentarem as dúvidas em forma de indagações. Todas as perguntas foram respondidas pelo pesquisador e pelo técnico Marcelo Cristiano.

Durante as explicações, foi possível identificar ainda um conhecimento considerável por parte dos alunos sobre a linguagem midiática. Alguns termos, expressões e aplicações técnicas, assim como aspectos mais formais da produção audiovisual - como por exemplo a construção de linhas narrativas - já não eram mais conceitos alheios ao cotidiano da aldeia. A principal razão para isso talvez fosse a proximidade das terras indígenas com a cidade e a introdução dos aparatos tecnológicos, tais como televisão, rádio e computador no universo indígena. Nas visitas técnicas à aldeia Buriti, em Dois Irmãos do Buriti, foi possível identificar esses aparelhos em diversas residências em que o pesquisador foi convidado para fazer uma refeição ou mesmo ser apresentado aos moradores.

Entre as principais orientações repassadas durante a aula, houve especial atenção quanto aos aspectos técnicos de uso da câmera (equilíbrio de cores, correção de foco, brilho, contraste etc), assim como os cuidados com a iluminação do ambiente a ser filmado. Para evitar possíveis complicações com a oferta de pontos de energia elétrica nas locações dentro da aldeia, optou-se por não utilizar iluminação artificial auxiliar nas filmagens.

### **3.4 Registro da fase de produção**

Encerrada a primeira fase de capacitação, os acadêmicos indígenas partiram a campo para realizar a coleta de imagens. O período de captação ocorreu nas semanas dos meses de julho e agosto de 2007. Eles utilizaram os seguintes equipamentos: 01 (uma) câmera SuperVHS, 01 (um) microfone de mão e 5 (cinco) fitas SuperVHS. As filmagens foram feitas pelos acadêmicos Eder Alcântara Oliveira e Jonivaldo Alcântara

Pinto. O grupo decidiu que iria fazer imagens e entrevistas acerca das festividades previstas para ocorrer na aldeia Buriti durante o período selecionado.

Durante essa etapa, não houve qualquer interferência por parte do pesquisador. O principal motivo para tal decisão foi o de barrar quaisquer eventuais casos de intimidação diante da presença de um não-indígena na aldeia, evitando assim - apenas nessa fase - a troca de informações entre pesquisador e os acadêmicos ou entre o pesquisador e a comunidade estudada. Outro fator que contribuiu para a ausência do autor da pesquisa na aldeia foi quanto à legitimidade dos processos de captação de imagens. Sem a influência direta do pesquisador, a identificação das causas e justificativas para uso de determinadas imagens, planos e enquadramentos seria mais facilmente atingida. Dessa forma, o conjunto de imagens coletadas iria refletir, de maneira inequívoca, o cotidiano da aldeia a partir do enfoque indígena.

### **3.5 Pré-edição e decupagem**

Depois das filmagens, chegou o momento de selecionar as imagens que iriam fazer parte do vídeo, processo conhecido pelo termo técnico *decupagem*. Para poder manipular as seqüências e realizar uma edição *on-line*, ou seja, trabalhar com as imagens no computador, o pesquisador precisou transferir todo o conteúdo filmado, originalmente na plataforma SUPER-VHS, para um sistema que pudesse ser identificada pelo *software* usado para edição das imagens e sons.

Depois desse período, os acadêmicos indígenas foram assistir ao material gravado para poder realizar a escolha das partes mais interessantes a partir da ótica do grupo. O processo foi realizado durante os meses de novembro de 2007 e janeiro de 2008. A primeira fase da decupagem foi realizada na UCDB no dia 10 de novembro. As imagens brutas foram exibidas por meio de um computador portátil e o pesquisador orientou os acadêmicos indígenas a tomar nota do ponto inicial e final das cenas selecionadas como mais importantes. O acadêmico Eder Alcântara Oliveira comentou que preferiria dividir a etapa da decupagem em duas: primeiro uma pré-seleção inicial das melhores imagens e depois, já na fase de montagem, uma seleção mais apurada do material escolhido. Eles então foram dividindo as fitas gravadas em trechos que iriam ser usados na etapa da edição.

Pelas imagens feitas no período de coleta, é possível identificar alguns aspectos importantes. Na comunidade, por exemplo, torna-se fácil perceber que a maioria dos jovens é consciente para com a presença da câmera e com o seu significado enquanto absorvedora de uma determinada realidade. As crianças, os mais velhos ou ainda aqueles com menor grau de instrução foram os que demonstraram um certo desconhecimento das amplas utilidades do instrumento audiovisual. No entanto, mesmo nesses casos, esses grupos pareceram ter uma determinada noção da importância da ferramenta, já que testemunharam o fascínio que o equipamento exerce perante os demais integrantes da comunidade.

Outro ponto que mereceu destaque foi a reação das pessoas diante da câmera. Os resultados demonstram que as respostas são um tanto quanto variadas. Grande parte dos participantes das filmagens responde com uma mistura de timidez e indiferença; muitos acenam ou evocam algum tipo de reação (facial ou corporal) – pelo que parece – mais em consideração ao operador do equipamento do que com a intenção de propriamente “falar com a câmera”. Tal interação ocorreu, especificamente, em duas situações. No primeiro caso, quando a acadêmica indígena Edineide Bernardo Farias conduziu as entrevistas com alguns membros da comunidade a respeito da preparação para uma grande festividade religiosa que ocorreu na aldeia. O destaque nessa etapa de gravação foi para a formalidade na condução do processo. Tanto as perguntas quanto as respostas dos entrevistados apresentaram um caráter sério, limitado e com a conotação de um registro como documento audiovisual da situação que estava sendo filmada.

O outro exemplo foi quando o indígena Arcelino Batista começou a apresentar e entrevistar os integrantes da comunidade na festa de aniversário de um dos patrícios. Nesse caso, ficou explícito o grau de informalidade da gravação. A espontaneidade do entrevistado acabou interferindo na interação com os entrevistados. O grau de familiaridade com os patrícios facilitou na obtenção de respostas mais genuínas, sinceras e com aquele desprendimento difícil de ser atingido exatamente pelo impacto que o equipamento causa nessas situações. A desinibição do condutor das entrevistas também pôde ser considerada surpreendente já que a tarefa – segundo informações dos integrantes da comunidade – era inédita para ele.

Com relação às reações diante da câmera, houve ainda casos de pessoas que apresentaram respostas um tanto quanto ingênuas frente ao instrumental tecnológico. Um dos entrevistados, o ajudante Venceslau Alves, encostou a boca na ponta do

microfone de mão diante da pergunta da acadêmica indígena Edineide Bernardo Farias. A sua atitude frente ao equipamento mostra um justificado desconhecimento do alcance das ondas de áudio, assim como dos ajustes de nivelamento que podem ser feitos no dispositivo após o período de captação. A cena revelou que o entrevistado estava um tanto quanto interessado em garantir que a sua resposta fosse registrada da melhor forma possível, ou seja, com total fidelidade do equipamento.

### **3.6 Registro da fase de edição e pós-produção**

A primeira etapa do processo de edição aconteceu na Universidade Católica Dom Bosco no dia 24 de janeiro de 2008, em uma das salas de aula do Bloco B, no campus de Campo Grande (MS). Reunimos os equipamentos de edição e começamos a transferir as imagens selecionadas durante a decupagem para dentro do computador. Nessa fase, o montador/realizador Jonivaldo Alcântara Pinto definiu que a melhor escolha – diante de todas as imagens brutas disponíveis – seria montar um vídeo contando os detalhes da festa de São João, que acontece todo ano na Aldeia Buriti, durante o mês de junho. A argumentação do indígena para a preferência se deveu em primeiro lugar à importância da celebração religiosa e, também, ao fato de o tema possuir seqüências filmadas com mais qualidade, tanto em relação à nitidez de imagens, fidelidade sonora, iluminação mais apropriada assim como em termos de opções variadas de depoimentos.

Durante a seqüência de colagem das imagens e sons para a composição do vídeo, foi evidente a preocupação do montador Jonivaldo em preservar o caráter ritualístico da cerimônia, comportamento comum em culturas que têm na religião um importante elemento de seu modo de vida:

É em alguma espécie de forma cerimonial – ainda que essa forma nada mais seja que a recitação de um mito, a consulta a um oráculo ou a decoração de um túmulo – que as disposições e motivações induzidas pelos símbolos sagrados nos homens e as concepções gerais da ordem da existência que eles formulam para os homens se encontram e se reforçam umas às outras (GEERTZ, 1989, p. 82).



A estrutura de montagem do vídeo seguiu o modelo rítmico, aquele no qual há ênfase tanto no comprimento dos planos assim como no conteúdo do que está sendo mostrado. Conforme escopo teórico proposto por Sergei Eisenstein (2002), a edição rítmica leva em consideração mais os ingredientes presentes em cada plano (a emotividade da história, por exemplo) do que o compasso no ritmo dos cortes, mais comum no tipo de montagem métrica. Além disso, a decisão do editor obedeceu também uma seqüência cronológica dos momentos em que os eventos se desenrolaram.

A edição do vídeo tem início com as imagens de um grupo de indígenas - conhecido como os *folieiros* - reunido e afinando instrumentos musicais; eles se preparam para a primeira tarefa que dá início ao rito religioso. Os *folieiros* são os principais responsáveis pelo transporte da bandeira com a imagem do Santo dentro da aldeia. Durante a passagem pelas residências, o grupo de folieiros toca três hinos, cujo simbolismo e representatividade serão apresentados a seguir.

O primeiro hino é executado logo na chegada a uma residência. A proposta é utilizar o canto como forma de pedir licença para entrar na casa com a bandeira. Depois de concedida a autorização, os *folieiros* entram e depositam a bandeira no local da residência especialmente reservado para esse propósito (geralmente próximo de outras imagens sagradas). A bandeira fica – em média – 15 minutos dentro da casa. Passado esse tempo, os *folieiros* cantam o segundo hino para pedir a bandeira de volta. Uma vez entregue a bandeira com a imagem do Santo, começa a execução do terceiro hino, para formalizar a despedida daquela casa e pedir ao dono uma doação (prenda) para a festa que se realizará na aldeia Buriti em homenagem ao Santo e que ocorre após o término das atividades religiosas. É quando a família se ajoelha diante da bandeira e agradece a passagem da procissão na casa. Depois de receberem a doação, os *folieiros*, por meio do hino de despedida, convidam a família para a grande festa e deixam a residência.

Depois dessas imagens, o editor Jonivaldo de Alcântara Pinto insere trechos em que as mulheres indígenas aparecem preparando os alimentos para o jantar, um momento que marca a celebração da homenagem ao Santo. Nessa etapa, todas as doações ou prendas são organizadas. As atividades da cozinha geralmente são desempenhadas por mulheres mais velhas. De acordo com a acadêmica terena Edineide Bernardo Farias, há dois motivos para isso: primeiro, a tradição e depois o convite que elas recebem do festeiro. Segundo ele, todas as doações devem ser utilizadas, ou seja, o preparo do alimento não é calculado pelo número de participantes. Caso a comida seja

excessiva, ela é servida nos outros dias até que não haja mais sobras. As doações não são obrigatórias mas, segundo Edineide Farias, não há uma só família que se negue a entregar uma prenda para a festa.

Logo em seguida, o vídeo segue com imagens da procissão dentro da aldeia Buriti. Depois de passar pelas residências, a imagem do Santo finalmente chega à Igreja. O festeiro e sua família ficam na porta à espera da bandeira. Com a chegada dos *folieiros*, a bandeira com a imagem do Santo é recolhida para dentro da Igreja. Por isso, essa etapa é conhecida entre os indígenas como “a recolhida”. É um dos momentos mais importantes e emocionantes da festa. O festeiro se ajoelha diante da imagem e agradece a chegada da bandeira. Os *folieiros*, então, cantam e tocam os três hinos, repetindo o último para reforçar o caráter de despedida. É quando vários indígenas se emocionam, especialmente aqueles que fizeram promessas ao Santo. A devoção de algumas famílias chega a impressionar. Vários indígenas que fazem promessas se vestem com roupas verdes, a mesma cor da bandeira. É uma forma de devoção que é executada por vários indígenas. Após essa etapa, aparecem as cenas do festeiro agradecendo aos *folieiros* e devotos e convidando a todos para a procissão, que sai da Igreja às 19 horas. Os devotos são filmados seguindo o festeiro, rezando e percorrendo as principais ruas da aldeia até voltar à Igreja. Depois de mais esse ato religioso, todos são filmados reunidos para o jantar, que é servido no galpão ao lado da Igreja. Logo após a refeição, aparecem as cenas finais do vídeo com a imagem dos indígenas participando de um baile, dançando e cantando ao som de uma banda formada pelos próprios patrícios.

Na etapa de finalização do vídeo, o material foi revisado e passou por uma filtragem para que fossem adequados alguns aspectos técnicos. O processo de acabamento compreendeu a equiparação dos níveis de áudio (vozes dos entrevistados e os sons ambientes, inclusive nas cenas onde ocorreu o baile) e a padronização da geração de caracteres, ou seja, dos créditos do filme. Tais procedimentos ocorreram logo após o encerramento da montagem do audiovisual pelo indígena Jonivaldo Alcântara Pinto. Foram gastas quatro horas de edição para que o material ficasse pronto para a fase seguinte que compreendeu a apresentação do produto na Aldeia Buriti. Depois de montado e finalizado, o material foi transferido do computador para um suporte em DVD para que pudesse ser assistido em qualquer aparelho reproduzidor doméstico.

## Capítulo 4

### Festa de São João – análise do vídeo

Uma das etapas da pesquisa apresentada ao longo desta dissertação teve como resultado prático o registro em vídeo de um dos mais importantes eventos religiosos da comunidade terena da Terra Indígena Buriti: a Festa de São João. A celebração católica acontece sempre no mês de junho e a edição de 2007 foi realizada na aldeia Buriti, entre os dias 20 e 24. Na ocasião, o grupo de acadêmicos indígenas convidado a participar da pesquisa optou em fazer um registro documental da cerimônia, captando os momentos principais da celebração em ordem cronológica. A partir de uma reunião prévia com esse grupo de acadêmicos indígenas, foi escolhido o tema para as filmagens. Entre os diversos assuntos debatidos, destaque para a questão da demarcação de terras e de outras festividades da aldeia, tais como aniversários de crianças e dos mais velhos. A preferência acabou sendo para a Festa de São João. Na visão do grupo, a razão principal para a escolha teve como foco demonstrar aos espectadores do produto final – na expectativa de que viesse a ser assistido por não indígenas – aqueles aspectos da cultura e do cotidiano terena que, em grande parte dos casos, acabam sendo preteridos diante de temáticas mais apelativas e que rendem maior audiência para os produtores de conteúdo da mídia eletrônica nacional, que, na visão dos indígenas, trazem sempre um olhar negativo sobre eles. Na visão da equipe que montou o vídeo, a importância da Festa de São João remete à grandiosidade do evento, revelando a importância de que se reveste para os moradores da aldeia e o empenho dos mais velhos assim como dos jovens em manter vivo o compromisso dessa tradição, materializado por meio de promessas feitas ao Santo homenageado.

#### 4.1 Análise do conteúdo do vídeo

Por decisão pessoal em não participar das festividades de São João na aldeia Buriti – para não interferir diretamente na qualidade das respostas e das imagens coletadas na aldeia - coube ao pesquisador então promover uma análise pormenorizada

do material colhido durante a cerimônia festiva. As conclusões e diretrizes apontadas a partir das imagens e sons produzidos na Festa de São João serão apresentados a seguir.

Com base nos dados obtidos durante todas as fases da pesquisa, foi possível analisar os resultados da iniciativa de produção audiovisual sobre os agentes diretamente envolvidos, bem como acerca dos outros integrantes da comunidade na qual estão inseridos. Foram detectadas – durante o processo de produção, edição e finalização do conteúdo do vídeo – as possibilidades abertas no que se refere à valorização da cultura, auto-estima, identidade e, nesse sentido, como instrumento de fortalecimento do local.

A avaliação dos resultados serviu ainda para permitir que os indígenas utilizem o ferramental vídeo como um instrumento de intercâmbio de informações, saberes, reivindicações e outros usos. A vivência e o experimentalismo com a captação de imagens e sons da aldeia pode oferecer novo(s) caminho(s) a partir da perspectiva indígena, conforme ressaltam os idealizadores do projeto *Vídeo nas Aldeias*:

Ao confrontar sua própria experiência com a dos outros, as comunidades transpõem sentimentos preexistentes para idealizar uma nova síntese. No espaço, porque as imagens apresentam os povos indígenas em situações que conjugam aspectos da realidade que as tradições orais normalmente separam: características tecnológicas, lingüísticas e aparência física, posição de cada povo com relação aos brancos. A classificação sustentada, antes, em conceitos mítico-cosmológicos dá lugar a uma nova classificação, na qual semelhanças e diferenças entre os povos são determinadas não mais pelas categorias míticas, mas pela visão panorâmica da situação de contato diferenciada retratada nos vídeos de outros povos indígenas (GALLOIS; CARELLI, 1995, p. 66).

O confronto, no caso da experiência com o grupo de indígenas Terena da aldeia Buriti, se deu durante a capacitação para uso do equipamento de vídeo, em 22 de junho de 2007. Naquela oportunidade, houve a exibição de algumas peças em vídeo para que o grupo pudesse identificar – na prática – alguns dos resultados obtidos por acadêmicos do curso de Rádio e TV da Universidade Católica Dom Bosco. Para o grupo que participou do estudo, foi - por certo - a primeira experiência de absorção de materiais feitos em vídeo num ambiente mais profissional que se mostrou diferenciado em relação aos produtos normalmente exibidos na programação das emissoras de TV,

onde o foco se concentra, em grande parte dos casos, no entretenimento e na diversão dos telespectadores.

O pesquisador pôde constatar, durante as fases de concepção da temática a ser tratada assim como na etapa da escolha das imagens, que a lógica para a definição de algumas seqüências audiovisuais obedeceu a dois critérios fundamentais: o caráter sagrado da cerimônia religiosa e que foi tema do vídeo e a ênfase na identidade familiar. Tal situação ficou explicitada por meio de um fato que ocorreu logo após todas as principais imagens terem sido inseridas no computador, onde seria executado o trabalho de edição. As primeiras cenas montadas revelaram um ritual de canto promovido pelos *folieiros*, indígenas responsáveis pelo transporte da bandeira com a imagem do Santo desde a casa dos moradores devotos até a aldeia onde se realiza a festa. O ritual havia sido filmado em dois momentos, ou seja, houve um corte de câmera. Como parecia haver similaridade entre os sons dos cantos, sugeri que as duas imagens fossem emendadas, gerando uma seqüência única. Foi quando Jonivaldo Alcântara Pinto refutou a idéia, argumentando que os dois momentos eram importantes e que deveriam permanecer com o tamanho original da cena. A partir desse instante, o pesquisador começou a perceber a nítida diferença de olhares e sensibilidade diante do material filmado. Ficou evidente que havia muitas nuances e abordagens nas imagens e sons da aldeia e que, até aquele instante, ainda não haviam sido identificadas pelo pesquisador. A intenção do editor Jonivaldo Alcântara Pinto estava – a todo o momento – relacionada com a organização social da manifestação popular, incluindo os elementos que envolvem a ritualização do processo. Aos poucos, o ordenamento das imagens e sons foi provocando a composição da história por meio da construção da linha narrativa.

A opção, então, foi acompanhar o processo de montagem com maior ênfase na observação do que na interação. As participações do autor da pesquisa ficaram restritas às solicitações apresentadas por Jonivaldo. O acontecimento ocorrido no início da edição também motivou a curiosidade do pesquisador sobre a lógica do ritual que envolve a festa de São João. Por essa razão, foi solicitado que Jonivaldo Alcântara Pinto explicasse o significado de cada uma das etapas da celebração.

## 4.2 Enredo do vídeo

O enredo do vídeo se desenrola em 14 minutos e 54 segundos de imagens e entrevistas; a cerimônia começa com a escolha dos *folieiros* que vão acompanhar a procissão em homenagem a São João. O folieiro é um membro da comunidade que se dispõe - em caráter voluntário - a percorrer as casas e fazendas dos devotos com a bandeira estampando a figura do Santo. O objetivo é levar a imagem nas residências dos moradores que têm promessas a cumprir ou que sejam apenas seus seguidores. A bandeira faz todo o percurso que termina na Aldeia Buriti, local onde se realiza a festa. O grupo é composto geralmente por quatro pessoas que não necessariamente precisam ser indígenas: dois cantam, um toca violão e outro toca um instrumento de percussão conhecido por “caixa”.

O vídeo inicia com os *folieiros* afinando seus instrumentos para dar início ao rito formal de cantoria dos hinos e do transporte da bandeira com a imagem do Santo. Nessa etapa da seqüência filmada, o grupo de *folieiros* canta e pede autorização para recolher a bandeira na casa de um dos devotos. Tal processo se repete por diversas vezes em casas e fazendas nos arredores da Aldeia Buriti. O grupo elege um representante, conhecido por “cabeça”. Ele é responsável por definir o itinerário da procissão, especificando os locais pelos quais ela vai passar ou, nas palavras de Jonivaldo Alcântara Pinto – o editor do vídeo, onde a bandeira vai “pousar”.

A segunda parte do ritual, também, envolve o canto dos *folieiros*. A expressão musical, nessa etapa, serve de indicação para que os donos da casa – onde está abrigada a bandeira – se ajoelhem e peçam proteção a São João. Nas cenas que dão seqüência ao vídeo, aparece o grupo de *folieiros* entoando o segundo hino para pedir permissão do morador para recolher a bandeira e seguir com o transporte da mesma. Nas imagens, é possível identificar que quase todos os *folieiros* cantam e tocam com devoção e respeito à imagem do Santo na bandeira. Os moradores então passam por debaixo da flâmula em sinal de respeito e como se estivessem recebendo uma benção. Em seguida, o dono da casa apresenta uma oferta em dinheiro ou alimento que será destinada ao festeiro, indígena responsável pela organização da festa.

As ofertas recolhidas na passagem dos *folieiros* pelas residências são entregues ao festeiro que se encarrega de repassá-las aos outros organizadores da festa. As comidas são preparadas e o dinheiro é usado para pagar as despesas com alimentação,

iluminação, som, bebidas etc. Às vezes, o festeiro recebe doações de animais; nesse caso, são promovidos leilões que também auxiliam no pagamento dos custos do evento.

O próximo conjunto de imagens já registra as mulheres da aldeia no preparo das comidas para o jantar. Na seqüência filmada, destaque para a importância em mostrar a noção de fartura. Com imagens de panelas, travessas e bacias imensas e uma quantidade de comida que denota essa idéia de abundância de alimentos dentro da aldeia, o grupo de realizadores indígenas desvenda o universo da cozinha e das mulheres que ali desempenham uma função essencial para o sucesso da cerimônia; afinal, o jantar é a consagração de todos os momentos que se sucederam desde o início da celebração. Na série de imagens e sons, é possível identificar ainda a preocupação das mulheres indígenas em mostrar o quão majestoso é poder transmitir essa sensação de abundância. As cozinheiras e ajudantes exibem no rosto um sorriso tímido e permanente que reafirma esse sentimento de orgulho em poder participar desse momento festivo. As imagens da cozinha são quebradas com cenas do preparo do grande “astro” da festa: o churrasco. Novamente uma equipe de homens é designada para tomar conta dos espetos, do fogo e das carnes que serão servidas junto com os acompanhamentos.

A primeira entrevista do vídeo é com a senhora Marina Rodrigues. Ela é esposa do festeiro João Rodrigues – indígena escolhido para ser o responsável pela execução da festa. O festeiro fica responsável pela organização, estrutura e execução da festa. Nesses casos, a logística é fundamental para que a cerimônia ocorra sem maiores problemas. O festeiro geralmente recebe a função devido a uma promessa que passa de pai para filho. No entanto, a incumbência não lhe oferece garantias de uma liderança certa dentro da aldeia. Há casos em que o festeiro não exerce esse privilégio. No caso da festa de São Sebastião, conforme relatado no capítulo I da presente dissertação, o festeiro João Rodrigues foi escolhido porque seus antepassados fizeram uma promessa ao Santo devido a uma epidemia de febre amarela que assolou a comunidade. Desde então, a promessa vem sendo cumprida de geração a geração. As mesmas razões também foram apresentadas para a escolha do festeiro da festa de São João. De acordo com Marina Rodrigues, esposa do festeiro de São João – senhor João Rodrigues, trata-se de uma promessa que a mãe do festeiro transmitiu a ele e que remonta a tempos antigos. Desde então, o compromisso vem sendo repassado aos filhos, que passam a ter a missão de manter viva a tradição.

Em seu depoimento, dona Marina começa explicando a importância da devoção a São João e os detalhes do transporte da bandeira com a imagem do Santo, feito pelos *folieiros*. Em seguida dona Marina fornece detalhes sobre o que é servido durante a festa, fala das razões pelas quais a família dela ficou com a incumbência de cuidar da festa.

O depoimento a seguir é de dona Sebastiana Alcântara, ajudante da esposa do festeiro nos trabalhos na cozinha. Ela explica que não recebe nenhuma ajuda financeira para participar da festa. A maior recompensa está em poder ajudar e receber em troca as bênçãos do Santo.

A próxima entrevista é com o senhor Venceslau Alves, que auxilia no preparo das carnes. Ele também destaca que o seu trabalho é voluntário e que se orgulha em poder ajudar e ver todos se alimentando com prazer e fartura. Os depoimentos seguem com a fala de Edivaldo Rodrigues, um dos filhos do festeiro João Rodrigues. Ele apresenta sua função e destaca a importância da festa para a comunidade.

A primeira série de entrevistas é interrompida por imagens de Edivaldo Rodrigues retirando os espetos do fogo e levando-os para um local em que as carnes são retiradas dos espetos e depois cortadas para serem servidas.

Mais um depoimento é colhido; dessa vez com o outro filho do festeiro João Rodrigues, Edmalso Rodrigues. Ele ressalta a importância da festa e o compromisso em “bem receber” aqueles que quiserem participar das festividades.

Em seguida aparecem imagens do cortejo de mulheres, crianças e homens que segue os *folieiros* e a bandeira com a imagem do Santo até a Igreja da aldeia Buriti; expectativa de uns e devoção por parte daqueles que estão pagando alguma promessa a São João. É o caso do indígena Sebastião Alcântara Figueiredo, que aparece na próxima sequência de imagens fazendo reverência à bandeira com a imagem do Santo e ao lado, a presença do festeiro João Rodrigues.

As imagens a seguir no vídeo mostram os *folieiros* entoando o hino na porta da Igreja enquanto o festeiro João Rodrigues, compenetrado e sério, acompanha o momento segurando a bandeira com a imagem do Santo. Depois dessas imagens, a cantoria segue agora dentro da Igreja. Nesse momento, novas demonstrações de devoção e fé são registradas pelos realizadores indígenas.



Já do lado de fora da Igreja, as cenas seguintes mostram a expectativa de homens, mulheres e crianças para o momento em que a comida será servida: é chegada a hora do jantar. Uma grande fila se forma e todos aguardam pacientemente a vez para se servir.

A última entrevista do vídeo é com Issac Pereira. Ele é um dos *folieiros* da Festa de São João. Em seu depoimento, Issac explica o que é ser um *folieiro* e qual é a recompensa pelo trabalho executado nos dias de festa.

A cerimônia termina com imagens de um grande baile no galpão da Igreja, intercalado por leilões. Ao som de músicas nativas, muitas vezes interpretadas pelos próprios membros da aldeia, todos dançam e celebram a devoção e o agradecimento a São João pela fartura na realização de mais uma festa, assim como pelas graças alcançadas daquelas famílias que fizeram promessas ao Santo. As cenas revelam muita animação e descontração por parte dos casais que dançam alegremente ao embalo de uma banda que se apresenta até a madrugada do dia seguinte.

É interessante observar o comportamento dos demais indígenas no momento das entrevistas. Eles geralmente interrompem qualquer atividade que estejam desempenhando para prestar atenção ao que está sendo apresentado. Ao primeiro sinal de esquecimento de uma palavra ou demora na conclusão de uma frase ou idéia por parte do entrevistado, muitos logo se prontificam a ajudar, complementando o que está sendo dito pelo companheiro ou companheira diante das câmeras; sinais inequívocos de espírito coletivo e uma gana em querer transmitir o que de melhor eles têm a mostrar. Tal comportamento foi identificado em mais de uma ocasião durante os depoimentos registrados pela equipe.

### **4.3 Recepção do vídeo na aldeia Buriti**

Depois de finalizado, o vídeo seguiu para a etapa de apresentação na Aldeia Buriti, localizada na região que compreende uma área entre os municípios de Sidrolândia e Dois Irmãos do Buriti (MS). Foi agendado, com os acadêmicos indígenas Jonivaldo Alcântara Pinto e Eder Alcântara Oliveira, um encontro na aldeia para o dia 23 de fevereiro de 2008; na ocasião, a peça audiovisual seria apresentada à comunidade. Depois de acertar – em Campo Grande – os detalhes com o grupo de acadêmicos indígenas, fomos autorizados a visitar mais uma vez a aldeia Buriti. Marcamos com

Jonivaldo Alcântara Pinto e partimos para Dois Irmãos do Buriti às nove horas da data mencionada acima. Eder Alcântara Oliveira já se encontrava na aldeia à nossa espera. Quando chegamos, fomos recepcionados pelo indígena João Rodrigues, dono da festa de São João edição 2007, tema do vídeo escolhido para ser produzido pelo grupo de acadêmicos indígenas que trabalhou com o pesquisador. O indígena, em demonstração explícita de atenção e consideração, agradeceu a presença do pesquisador no evento e destacou a importância da cerimônia tanto para os patrícios quanto para as outras pessoas – indígenas ou não – que, devido à fama e tradição da celebração, participam da festa. O pesquisador aproveitou para indagar João Rodrigues sobre os detalhes e a importância do registro audiovisual da cerimônia. Na visão do dono da festa, a tradução do evento em imagens e sons adquire um certo valor na medida em que destaca o caráter formal do rito, a relação dos seguidores ou devotos com o sagrado, assim como a função integradora e socializadora da celebração festiva.

Após o bate papo inicial com o dono da festa, fomos guiados até o salão onde aconteceu o baile da referida celebração. Na fase de acerto para a ida à aldeia, o pesquisador havia sido informado de que precisava levar apenas a cópia do vídeo em DVD, pois algumas residências da aldeia possuíam aparelhos reprodutores desse tipo de mídia. Um deles foi usado para a sessão de exibição. Após a instalação, surgiram problemas técnicos de ausência de som e a reprodução das imagens na TV apresentou momentos de intermitência. Por isso, alguns indígenas foram em busca de outro equipamento, o que não se mostrou ser uma tarefa difícil ou que demandasse muito tempo para ser concluída. Alguns minutos depois, os patrícios chegaram com um aparelho televisor maior do que o original e um reprodutor de DVD que parecia tecnologicamente mais avançado que o anterior.

Finalizados os processos de instalação dos cabos e da busca do ponto exato de início do filme, chegou a vez de apresentar à comunidade o que estava por ser exibido. O acadêmico Eder Alcântara Oliveira apresentou então o pesquisador aos patrícios e explicou o motivo do encontro. A maioria demonstrou que tinha conhecimento sobre a exibição do vídeo mas não possuía a real noção da amplitude da pesquisa assim como dos seus objetivos. Aos poucos, os indígenas começaram a chegar para acompanhar a sessão. No início, havia muitas crianças; logo vieram os adolescentes e por fim os adultos. Depois de uma breve explicação acerca do que seria o vídeo e de qual era o propósito daquele encontro, o pesquisador se dirigiu à comunidade. Foi explicitada – de

forma breve – a intenção do projeto e a explicação de que todas as etapas da pesquisa exigiram autorização prévia das lideranças e que as mesmas foram concedidas. Um ponto importante e que o pesquisador fez questão de deixar claro foi o caráter inovador da metodologia usada no trabalho com os acadêmicos indígenas. Foi esclarecido que a proposta – desde o início – era trabalhar para que os próprios indígenas pudessem passar de objetos a sujeitos do discurso. A alfabetização audiovisual do grupo escolhido foi uma meta fundamental na busca do auto-reconhecimento no sentido de reorganizar suas semelhanças e diferenças em relação ao outro, que geralmente desempenha um papel dominador diante dos veículos de comunicação de massa, assim como dos instrumentos de informação.

Depois da sessão de abertura, houve o comentário da esposa do dono da festa, Marina Rodrigues. Ela salientou que todas as pesquisas feitas anteriormente com os Terena do Buriti seguiram – geralmente – o mesmo roteiro, ou seja, o pesquisador extraiu a informação que lhe interessava e depois usou o material em seu próprio benefício, dando pouco ou nenhum retorno aos verdadeiros protagonistas da ação: os participantes do trabalho. Sobre esse comentário, o pesquisador fez questão de enfatizar que a proposta apresentada às lideranças da aldeia buscou exatamente seguir uma linha contrária àquela tradicionalmente adotada. Por isso, a intenção de escolher uma equipe de indígenas que ficou responsável pela parte mais importante do trabalho prático, ou seja, a produção do vídeo. Foi reforçada a idéia de que todo o material produzido pelos indígenas seria utilizado, prioritariamente, em prol dos Terena da aldeia Buriti e mediante autorização prévia de suas lideranças. A esposa do dono da festa se mostrou surpresa e ao mesmo tempo satisfeita diante das explicações do pesquisador e demonstrou entendimento acerca do ineditismo da abordagem.

Um dos indígenas presentes na sessão de exibição lamentou a ausência de imagens da quadrilha – que foi parte integrante das festividades de São João. Alvino Fermino afirmou – com veemência - que o momento da quadrilha havia efetivamente ocorrido e, por isso, não conseguiu entender os motivos pelos quais essa etapa tão importante da festa havia sido suprimida do vídeo. A manifestação de Alvino revela – entre outras coisas – uma noção exata de roteiro cronológico, evidenciando que o vídeo foi montado obedecendo a uma seqüência de imagens e sons que seguiu a ordem natural dos acontecimentos. Depois dos comentários, o acadêmico Eder Alcântara Oliveira explicou a razão pela qual as imagens da quadrilha não haviam sido incluídas no

produto final. Ele justificou ter ocorrido um problema técnico de falta de iluminação no local durante as gravações. A apresentação da quadrilha aconteceu logo ao lado do salão de baile – único local onde havia luz artificial naquele momento da festa. Os acadêmicos captaram as imagens, mas depois - no momento da edição - verificaram que o resultado havia ficado extremamente insatisfatório e que, se fossem inseridas daquela forma, as imagens poderiam comprometer a qualidade geral do vídeo. Os acadêmicos Eder Alcântara Oliveira e Jonivaldo Alcântara Pinto finalizaram a explicação afirmando que como esse era o primeiro trabalho nessa área e com tal proposta, certamente os próximos ficariam melhores.

Com a chegada de mais e mais patrícios, assim como atendendo a pedidos dos próprios indígenas, houve a necessidade de realizar uma nova sessão de vídeo. Como nem todos da comunidade foram informados da data da exibição, alguns que chegavam ao salão imaginavam que o filme seria mostrado naquele momento e depois levado de volta a Campo Grande. Por isso, o acadêmico Eder Alcântara Oliveira precisou esclarecer novamente a idéia do projeto, salientando a garantia de que o filme ficaria na comunidade e sob a responsabilidade do dono da festa, seu João Rodrigues.

Na segunda sessão de exibição, foi possível ao pesquisador observar as reações dos indígenas diante do produto audiovisual. As crianças esboçaram reações diversas tais como atenção, curiosidade e até uma certa estranheza (por parte dos bem pequenos) sobre o que realmente estava se passando ali. Nos adultos, as reações também se dividiram; Muitos jovens se lembraram do momento em que as cenas foram captadas e também fizeram comentários quanto às suas participações em algumas das imagens. Várias reações, entre eles, eram de surpresa e até uma certa timidez ou vergonha pois quando apareciam na tela, as risadas eram coletivas. Já os mais velhos apresentaram uma característica comum: atenção concentrada durante todo o momento da exibição. De vez em quando – especialmente nos momentos de descontração ou diante de algo engraçado – esboçavam um sorriso discreto.

Ao final da segunda sessão, foi solicitado ao acadêmico Eder Alcântara que anunciasse a intenção do pesquisador em fazer algumas observações sobre o vídeo, assim como também a necessidade em realizar indagações que pudessem contribuir com a pesquisa referente às impressões dos indígenas sobre o que tinham acabado de assistir. Diante do aceite do grupo, o pesquisador começou essa etapa do trabalho expondo as bases da dissertação, que teve como um dos elementos essenciais o projeto de

capacitação realizado com os acadêmicos indígenas desde maio de 2007. A importância do vídeo foi ressaltada como instrumento de comunicação e veículo de informação de futuros acontecimentos e reivindicações que podem e devem ser levantadas e discutidas por todos que integram a comunidade da aldeia Buriti. A intenção em garantir que a apropriação e a manipulação das imagens assim como de todas as etapas de produção, edição e finalização do vídeo também foi exposta pelo pesquisador. Com isso, seria possível começar a obter resultados práticos nos processos de construção da identidade, assim como na descoberta de novas formas de auto-representação que poderiam advir do uso de ferramentas audiovisuais dentro do universo indígena.

Logo após as explicações iniciais, foi dado início às indagações. Inicialmente, perguntei aos indígenas qual era a real importância do evento em si e a relevância do mesmo ter sido registrado em vídeo. A indígena Cecília Rodrigues, uma senhora de aproximadamente 50 anos de idade, respondeu que aquela era uma das festas mais prestigiadas da aldeia, pois tinha uma conotação religiosa muito forte. Vários patrícios fazem promessas ao Santo e que são retribuídas nessa cerimônia com rezas, sacrifícios e oferendas. Demonstrações inequívocas de fé e que puderam ser testemunhadas pelo pesquisador, em janeiro de 2008, durante a festa de São Sebastião. O principal argumento da indígena Cecília Rodrigues para justificar a importância do registro da festa em vídeo foi a manutenção da tradição e dos costumes dentro da aldeia. Ela afirmou que filmagens dessa natureza quase sempre se revestem de muita notoriedade; elas representam uma garantia de que as futuras gerações vão ter consciência da necessidade de preservação dos ritos e cerimônias festivas que fazem parte da cultura terena.

Uma senhora, que não possuía indicações físicas que se assemelhassem aos indígenas, pediu a palavra. Ela quis saber mais detalhes sobre a pesquisa e também sobre a capacitação de Terenas no universo do audiovisual. O pesquisador delineou então as bases do projeto e – de maneira sucinta – apresentou as etapas preenchidas durante o treinamento e orientação dos participantes do processo de capacitação. Depois das explicações e respostas aos questionamentos, o pesquisador perguntou a relação da senhora com os Terena. Ela informou que realiza trabalhos em aldeias há 37 anos<sup>14</sup>.

---

<sup>14</sup> Seu nome é Sonia Maria de Paula, pesquisadora da Funai, em Brasília. Ela trabalha atualmente no CPC (Coordenação de Promoção Cultural) da Fundação e ficou bastante interessada na pesquisa sobre o uso do vídeo entre os Terena da aldeia Buriti. Dona Sonia de Paula informou que está fazendo um estudo a

O acadêmico Eder Alcântara Oliveira chamou o pesquisador para que atendessem uma última solicitação. A indígena Cecília Rodrigues veio requisitar a cobertura por parte do grupo de acadêmicos indígenas e do pesquisador nas festividades dos dias 7 e 12 de outubro. As datas marcam as comemorações da festa de Nossa Senhora de Aparecida. A indígena reforçou a importância do vídeo como ferramenta de registro e a necessidade do atendimento à solicitação. A resposta do pesquisador foi positiva, apesar de deixar claro que – a partir de agora – o grupo de acadêmicos indígenas estava preparado para realizar qualquer tipo de trabalho audiovisual sem a interferência do pesquisador. Foi assumido o empenho em garantir a execução do trabalho por parte da equipe de realizadores indígenas.

Após a conversa com Cecília Rodrigues, o acadêmico Eder Alcântara Oliveira explicou que as solicitações agora seriam mais constantes, especialmente por parte daqueles eventos que foram gravados pelo grupo durante o ano de 2007. É que, além das festividades de São João – produto que foi finalizado para a presente dissertação – os acadêmicos indígenas, também, fizeram imagens de outras festividades e manifestações culturais dentro da aldeia. Foi assumido, pelo grupo de acadêmicos indígenas e seus patrícios, que esse material seria montado e finalizado assim como foi feito com o vídeo de São João. O pesquisador, também, se comprometeu a auxiliar no cumprimento da tarefa.

Depois de terminada a sessão de entrevistas, houve ainda outras tentativas frustradas ou pouco eficazes de colher mais depoimentos, já que alguns indígenas não se dispuseram a falar. Houve até uns poucos que concordaram; porém, deram declarações que tiveram pouca relação com os resultados do projeto em si como, por exemplo, uma das espectadoras, que apenas agradeceu ao pesquisador pela realização da iniciativa e solicitou a produção de mais vídeos sobre futuros acontecimentos dentro da aldeia. O pesquisador prometeu empenho no sentido de atender a todos os pedidos e agradeceu a oportunidade da comunidade terena em autorizar a realização da pesquisa, assim como a participação dos que ali estavam nas sessões de exibição. As bases estruturais do projeto de realização do vídeo e o compromisso em garantir aos Terena do Buriti a autoria do

---

pedido da Funai para a implantação de 50 Pontos de Cultura, um projeto do governo federal, em aldeias de todo o País. O entendimento de que existe entre os Terena do Buriti uma iniciativa de alfabetização audiovisual pode ser fundamental para que a tribo receba um desses Pontos de Cultura. Na oportunidade, foi assumido o compromisso de enviar informações mais detalhadas sobre a pesquisa e manter contato no sentido de reforçar a necessidade da instalação do Ponto de Cultura na aldeia Buriti.

produto final foram mais uma vez salientadas. O pesquisador se colocou à disposição dos indígenas e das lideranças para trabalhar no sentido de dar prosseguimento ao projeto e fez questão de ressaltar que as relações de amizade e confiança construídas a partir do contato com os Terena seriam mantidas mesmo depois do término da pesquisa.

O passo seguinte ao encerramento oficial das sessões de exibição foi uma conversa com o dono da festa de São João, João Rodrigues. A ele, foram feitas as mesmas indagações dirigidas ao grupo que assistiu ao vídeo. Seu João Rodrigues também indagou os motivos pelos quais o vídeo não continha imagens da quadrilha, apesar da pergunta já ter sido respondida e a dúvida esclarecida anteriormente pelo acadêmico Eder Alcântara Oliveira. Outra observação feita pelo dono da festa de São João foi quanto a sua participação como entrevistado no vídeo. Nesse momento, o acadêmico indígena Eder Alcântara Oliveira interferiu para dizer que quando da etapa de produção e captação das imagens e depoimentos, todos os patrícios foram convidados a participar, mas a maioria não se mostrou muito a vontade diante da possibilidade de aparecer conversando para a câmera, em especial seu João Rodrigues. Por esse motivo, concluiu Eder Alcântara Oliveira, é que ele não apareceu como protagonista no filme.

A sugestão do dono da festa, então, foi que os acadêmicos indígenas produzissem um novo material sobre a edição 2008 do evento, corrigindo todas aquelas partes identificadas como imperfeitas pelos patrícios durante as sessões de exibição. A idéia foi acatada pelos acadêmicos indígenas Eder Alcântara Oliveira e Jonivaldo Alcântara Pinto, que se comprometeram a se empenhar na produção de um novo material, com a condição de que haja também uma participação mais efetiva e integrada por parte dos verdadeiros protagonistas da festa.

## Considerações finais

O estudo da utilização do audiovisual como ferramenta para o desenvolvimento endógeno demonstrou – na prática – ser um importante aliado no processo de fortalecimento da identidade terena na aldeia Buriti. A tradução – em imagens e sons – de alguns aspectos da organização social permitiu com que o grupo de acadêmicos indígenas envolvidos na produção do vídeo, assim como a comunidade estudada, despertassem para as múltiplas possibilidades oferecidas pelo aparato midiático.

É importante salientar que as respostas obtidas não tiveram a pretensão de oferecer um esgotamento das possibilidades de exploração da temática estudada. Houve algumas limitações para um maior aprofundamento de determinadas aspectos da pesquisa. A afirmação deriva da constatação de que a maioria dos assuntos abordados requer uma pesquisa densa, com longos períodos de permanência no campo. Mesmo assim, foram levantados dados pertinentes que permitiram formular constatações lógicas e coerentes com a proposta explicitada no título da dissertação ora apresentada.

A pesquisa buscou evidenciar – entre outros resultados – as possibilidades de fazer do universo imagético um instrumento de expressão da cultura terena. Ao capacitar um grupo de acadêmicos indígenas da aldeia Buriti com técnicas de filmagem e edição de vídeo, procuramos nos aproximar da visão de mundo deles por meio do olhar eletrônico da câmera, assim como a visão que eles têm do mundo não indígena. Tais recortes de determinadas realidades, na medida em que forem absorvidos enquanto processos endógenos de desenvolvimento, poderão ser traduzidos em propostas e ações que se transformem em respostas efetivas aos anseios, necessidades, dificuldades e problemas que afetam direta ou indiretamente os integrantes da comunidade indígena estudada.

O reconhecimento e a consciência – por parte dos indígenas – do uso do vídeo como ferramenta para dar visibilidade e voz a eles também foi uma das conclusões alcançadas com a pesquisa. O grupo de acadêmicos indígenas escolhido para produzir o vídeo, assim como suas lideranças, enxergou no trabalho de filmagem um utensílio de múltiplas possibilidades e potencialidades que pode ir além do resgate cultural. O aparelho audiovisual também se mostra bastante eficaz para quem deseja ouvir e ser ouvido, ver e ser visto, reivindicar e trocar experiências e realidades. As gravações, o



trabalho de montagem e finalização do vídeo, assim como a recepção na aldeia Buriti, se revelaram como procedimentos válidos dentro do processo de reafirmação étnica dos Terena.

Ao tomar conhecimento das técnicas e aplicações do audiovisual, os acadêmicos indígenas participantes deste projeto de estudo agora podem assumir uma posição multiplicadora de informações. A tarefa deles – daqui para frente – passa a ser de dividir o que aprenderam com os demais companheiros da aldeia. Tal iniciativa pode proporcionar a concepção de novas ações que tem por objetivo promover um desenvolvimento autônomo e culturalmente diferenciado, conforme evidenciado por Batalla (2002). São diretrizes que ressaltam o protagonismo de uma determinada comunidade local e que podem ainda se traduzir em qualidade de vida, desde que os empreendimentos tragam resultados positivos manifestados em forma de benefícios econômicos e/ou sociais.

A ação empreendida na atividade de orientação e capacitação dos acadêmicos indígenas no uso das ferramentas do audiovisual é o início de uma caminhada rumo à disseminação de um processo solidário. A intenção é que as respostas obtidas com a produção das imagens e posterior exibição na aldeia contaminem mais e mais indígenas e não apenas aqueles que se destacaram pela experiência acadêmica. Todos podem e devem se transformar em agentes internos de desenvolvimento, segundo preconiza Ávila (2003). Só então será possível materializar empreendimentos que destaquem as potencialidades próprias da comunidade indígena enquanto construtora do seu próprio destino. É o primeiro passo na busca de respostas aos grandes desafios impostos pela sociedade nacional às comunidades locais, tais como as comunidades indígenas.

Durante os meses que envolveram a produção do vídeo na aldeia Buriti, foi possível identificar uma série de respostas a partir de dados reunidos nas etapas anteriores e posteriores à coleta de imagens. Muitas delas corroboraram com a fundamentação teórica inicial sobre a eficácia dos meios eletrônicos de comunicação de massa enquanto suporte para a reafirmação da identidade de uma determinada comunidade local. Apresento alguns dos mais expressivos resultados:

\* Confirmação da importância do aparato midiático, ao saberem que a ferramenta audiovisual pode ser utilizada tanto como disseminadora de informações de interesse coletivo assim como um instrumento para produzir conteúdos que expressem

valores positivos tanto para as instâncias internas (reivindicações) quanto para as instâncias externas à aldeia;

\* A transferência do conhecimento sobre a manipulação de equipamentos de captação de imagens, já que - ao saber utilizar as câmeras de vídeo, câmeras fotográficas digitais e aparelhos de telefonia móvel que captam imagens em movimento (estas últimas já bastante utilizadas pelos Terena) - podem se contrapor à maneira deturpada e insatisfatória com que suas reivindicações são colocadas em evidência; e podem divulgar por si próprios e afirmar seus conhecimentos, valores, modos de vida e práticas culturais.

\* Preocupação dos acadêmicos indígenas em atender as expectativas dos moradores da aldeia no sentido de mostrar as potencialidades do aparato audiovisual, assim como um interesse crescente e imediato por parte dos demais indígenas da comunidade em ver concretizadas as iniciativas de natureza e propósito semelhantes.

\* Importância do envolvimento crítico dos mais velhos na iniciativa, evidenciado nas sessões de exibição na aldeia. Muitos questionaram os acadêmicos indígenas sobre a ausência de alguns momentos da festa de São João como, por exemplo, a parte da quadrilha. A justificativa foi atribuída a problemas técnicos no equipamento e também devido a pouca ou nenhuma luminosidade em alguns locais da aldeia, o que impediu que a câmera pudesse capturar imagens nítidas ou tecnicamente aceitáveis. Tal situação evidencia o audiovisual como um meio que favorece a avaliação e discussões internas importantes sobre as práticas de rituais como o que foi captado em vídeo pelos acadêmicos indígenas.

Ao reconhecerem a própria imagem nos vídeos, os Terena estão caminhando em busca de maior autonomia, já que as características evidenciadas nas imagens e sons poderão servir para destacá-los dos demais povos, construindo um processo de identidade coletiva. Da mesma forma, também estão se apropriando de uma tecnologia poderosa na manipulação de idéias, valores e conceitos. De posse dos saberes considerados diferenciados, eles podem oferecer novas lógicas visuais que decorrem de uma tradição cultural e social diferente dos não indígenas. Nesse jogo de intercâmbio cultural, ambos os lados têm a ganhar: a sociedade nacional, com a possibilidade de conhecer os modos de vida indígenas; e os indígenas, pois, ao se apropriarem da tecnologia, podem gerar uma série de resultados positivos diante das imensas possibilidades de aproveitamento que o audiovisual pode oferecer.

Sendo assim, concluímos que o olhar eletrônico é um meio eficaz na auto-representação, como no exemplo dos rituais de manifestação da identidade para uma comunidade local. Os resultados alcançados pelo uso do audiovisual na aldeia Buriti comprovaram ser este o início de um processo de conhecimento e reconhecimento, pelo outro, da cultura terena. O grupo de acadêmicos indígenas escolhido para participar do projeto buscou demonstrar, no vídeo da festa de São João, conceitos fundamentais para os indígenas tais como solidariedade, devoção, organização social e qualidade de vida. Dessa maneira, outros registros também poderão ser construídos com o propósito de reforçar valores, evidenciar conceitos e buscar alternativas que privilegiem a convivência duradoura e harmoniosa com a alteridade. Afinal, cultura não deve ser entendida apenas como referência de padrões que tem como origem a tradição. Os caminhos – conforme explicitaram Gallois (1995) e Barth (1998) - que evidenciam um povo, uma comunidade, uma sociedade - resultam exatamente do contato com a(s) diferença(s). É a identificação de aspectos distintos provocada pelo contato que faz surgir características peculiares a cada povo ou comunidade quando compõem um sistema social em processo de interação. Por isso, acredito que a aproximação de mundos tão distintos, pode provocar resultados importantes, principalmente quando demonstra a habilidade de povos da aldeia em apreender e se beneficiar de uma ferramenta que une, cativa, vicia, emociona, forma e deforma a diversidade cultural que faz parte daquilo que é, de certo ponto de vista, considerado uma aldeia global.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ÁVILA, Vicente Fideles de. *Cultura, desenvolvimento local, solidariedade e educação*. Campo Grande-MS : UCDB, 2003b, acesso pelo site [www.ucdb.br/coloquio](http://www.ucdb.br/coloquio) .(Texto-base de conferência no I Colóquio Internacional de Desenvolvimento Local realizado na UCDB de 25 a 28 de novembro de 2003).

\_\_\_\_\_, Vicente Fideles de et al. *Formação educacional em desenvolvimento local: relato de estudo em grupo e análise de conceitos*. Campo Grande : Ed. UCDB, 2000.

AZANHA, Gilberto. *Etnodesenvolvimento, mercado e mecanismos de fomento: possibilidades de desenvolvimento sustentado para as sociedades indígenas no Brasil*. In: Lima, Antonio Carlos e Barroso-Hoffmann, Maria (Orgs). *Etnodesenvolvimento e políticas públicas: bases para uma nova política indigenista*. Rio de Janeiro: Contra-Capa/LACED, 2002.

\_\_\_\_\_. *Sustentabilidade nas sociedades indígenas brasileiras*. In. Revista Tellus. Ano 5, n. 8/9. Campo Grande: Ed. UCDB, 2005. Pg. 11-28.

BARBOSA, Andréa & CUNHA, Edgar Teodoro da. *Antropologia e imagem*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2006, coleção Passo-a-passo.

BARTH, Fredrik. *Grupos étnicos e suas fronteiras*, in POUTIGNAT, Philippe e STREIFF-FENART, Jocelyne. *Teorias da etnicidade*, SP: ed. UNESP, 1998.

BITTENCOURT, Circe Maria; LADEIRA, Maria Elisa. *A história do povo Terena*. Brasília: MEC, 2000.

BRAND, Antonio. *Desenvolvimento Local em comunidades indígenas no Mato Grosso do Sul: a construção de alternativas*. In *Interações*. Campo Grande, MS: v.1, n.2, 2001, p.59 - 68.

BORGES, Maria Elisa Linhares. *História & fotografia*. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.

CARELLI, Vincent. *Moi, um Indien* [on-line]. Disponível na Internet via <http://www.videonasaldeias.org.br>, s.d.

CAVALCANTI, Enoque Gomes; COSTA, Fernando Bastos; Lira, Fernando José. *Desenvolvimento regional e sustentabilidade*. Maceió: Edições Catavento, 1999.

COLLIER JR, John. *Antropologia visual: a fotografia como método de pesquisa*. Editora da Universidade de São Paulo. São Paulo. 1973.

CORRÊA, Mari. *Vídeo nas aldeias* [on-line]. Disponível na Internet via <http://www.videonasaldeias.org.br>, s.d.

ECKERT, Cornelia; GODOLPHIM, Nuno. *Horizontes antropológicos*. Porto Alegre: Editora da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 1995.

EISENSTEIN, Sergei. *A forma do filme*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2002.

\_\_\_\_\_. *O sentido do filme*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2002.

FRANCE, Claudine. *Do filme etnográfico à antropologia fílmica*. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2000.

FELDMAN-BIANCO, Bela; MOREIRA Leite, Miriam. *Desafios da imagem: fotografia, iconografia e vídeo nas ciências sociais*. Campinas-SP: Papyrus, 1998.

GALLOIS, Dominique. *Cultura “indígena” e sustentabilidade: alguns desafios*. In: Revista Tellus. Ano 5, n. 8/9. Campo Grande: Ed. UCDB, 2005. Pg. 29-35.

\_\_\_\_\_, Dominique T.e CARELLI, V. *Vídeo e Diálogo cultural – Experiência do Projeto Vídeo nas Aldeias*. In: Horizontes Antropológicos – Antropologia Visual. Porto Alegre, ano 1, n. 2, p. 49-67, 1995.

GEERTZ, Clifford C. *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

LADEIRA, Maria Eliza. *Língua e história: análise sociolinguística em um grupo Terena*. Tese de Doutorado. SP: USP-Departamento de Clássicas e Vernáculas, 2001.

MARQUES, Heitor Romero [et al.]. *Metodologia da pesquisa e do trabalho científico*. Campo Grande: UCDB, 2006.

MARTINS, José S., *O poder da imagem*. São Paulo: Ed. Intermeios Comunicação e Marketing, 1992.

NICHOLS, Bill. *Introdução ao Documentário*. Campinas, SP: Papyrus, 2005.

OLIVEIRA, Roberto Cardoso de. *O processo de assimilação dos Terena*. Rio de Janeiro: Museu Nacional, 1960.

\_\_\_\_\_. *Urbanização e tribalismo*. Rio de Janeiro: Zahar editores, 1968.

\_\_\_\_\_. *Do Índio ao Bugre*. Rio de Janeiro: Francisco Alves Editora, 1976.

QUEIROZ, Ruben Caixeta de. *Política, estética e ética no projeto vídeo nas aldeias* [on-line]. Disponível na Internet via <http://www.videonasaldeias.org.br>, s.d. Acesso em 03 nov. 2006, 13:57.

RODRIGUES, Jair Moreira. “Apropriação e uso das tecnologias audiovisuais pelos índios xavante no Brasil”. In Colóquio Pan-americano Gricis, Canadá, 2002.

SHOHAT, Ella e Robert Stam. *Crítica da imagem eurocêntrica*. São Paulo: Cosac Naify, 2006.

STAVENHAGEN, Rodolfo. *Cultos, incultos e ocultos: as novas identidades Latino-Americanas*. In: CANCLINI, Nestor García (coord.). *Culturas da Ibero-América: Diagnósticos e propostas para seu desenvolvimento*. São Paulo: Moderna/OEI - Organização dos Estados Ibero-americanos, 2003. pp. 31-53.

VERDUM, Ricardo. *Etnodesenvolvimento e Mecanismos de Fomento do Desenvolvimento dos Povos Indígenas: A Contribuição do Subprograma Projetos Demonstrativos (PDA)*. In: Lima, Antonio Carlos e Barroso-Hoffmann, Maria (Orgs). *Etnodesenvolvimento e políticas públicas: bases para uma nova política indigenista*. Rio de Janeiro: Contra-Capa/LACED, 2002.

## ANEXOS

### Anexo A-1

Primeira visita à aldeia Buriti para solicitar autorização de realização da pesquisa em 26 de maio de 2007.



Autorização para a realização do estudo na aldeia Buriti sendo assinada por Arcelino Batista, representante do cacique Rodrigues Alcântara.



## Anexo A-2

Processo de capacitação para uso do audiovisual realizado em 22 de junho de 2007 no bloco A do campus de Campo Grande da Universidade Católica Dom Bosco.



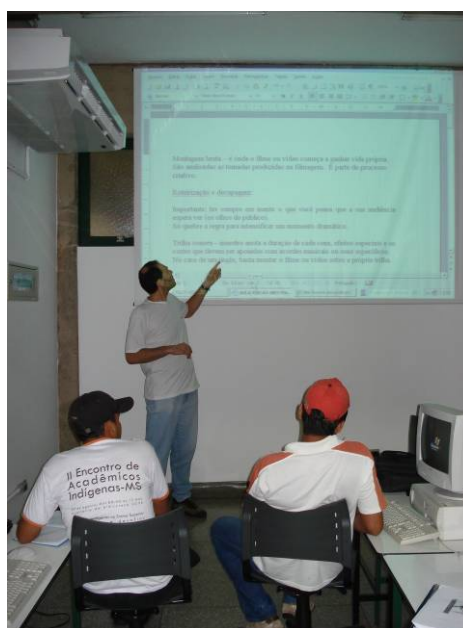
Cinegrafista do Laboratório de Comunicação (LABCOM) da Universidade Católica Dom Bosco, Marcelo Cristiano, auxiliando o processo de capacitação dos acadêmicos indígenas no uso dos equipamentos de filmagem.





## Anexo A-3

Processo de capacitação para redação de roteiros e edição de vídeos, realizado em 27 de outubro de 2007 no bloco B do campus de Campo Grande da UCDB.



## Anexo A-4

Processo de decupagem e edição do vídeo sobre a Festa de São João, realizado em 10 de novembro de 2007 no bloco B do campus de Campo Grande da UCDB.



## Anexo A-5

Processo de edição e finalização do vídeo sobre a Festa de São João, realizado em um computador portátil Toshiba A-105 Pentium Dual Core com 2Gb de RAM, 160 Gb de memória no *Hard Disk* (HD), montado no programa de edição de vídeos Adobe *Premiere* (versão 6.5) em 10 de novembro de 2007 no bloco B do campus de Campo Grande da UCDB.



## Anexo A-6

Festa de São Sebastião, realizada em 19 de janeiro de 2008 na aldeia Buriti.

